

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CARLOS EMÍLIO MÜLLER

“MAS ISSO É LITERATURA E NÃO SOCIOLOGIA!”:
Estudo sobre os usos da literatura como fonte de compreensão histórica no romance
Incidente em Antares de Erico Verissimo

Porto Alegre

2021

CARLOS EMÍLIO MÜLLER

“MAS ISSO É LITERATURA E NÃO SOCIOLOGIA!”:

Estudo sobre os usos da literatura como fonte de compreensão histórica no romance

***Incidente em Antares* de Erico Verissimo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Profa. Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Müller, Carlos Emilio
"MAS ISSO É LITERATURA E NÃO SOCIOLOGIA!": Estudo
sobre os usos da literatura como fonte de compreensão
histórica no romance Incidente em Antares de Erico
Verissimo / Carlos Emilio Müller. -- 2021.
61 f.
Orientadora: Cássia Daiane Macedo da Silveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. História. 2. Literatura. 3. Erico Verissimo. 4.
Incidente em Antares. 5. Consciência Histórica. I.
Silveira, Cássia Daiane Macedo da, orient. II.
Título.

CARLOS EMÍLIO MÜLLER

“MAS ISSO É LITERATURA E NÃO SOCIOLOGIA!”:

Estudo sobre os usos da literatura como fonte de compreensão histórica no romance

***Incidente em Antares* de Erico Verissimo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Porto Alegre, 20 de maio de 2021.

Resultado: A

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira - Orientadora

Profa. Dra. Carla Simone Rodeghero

Prof. Dr. Jocelito Zalla

AGRADECIMENTOS

Não é exagero dizer que a literatura mudou a minha vida. Por muito tempo me abriguei dentro das histórias, buscando amizade nos personagens fictícios e respostas que não encontrava na minha própria realidade. Por isso, é natural que o meu primeiro agradecimento seja para a literatura em si: nem sempre te compreendo como quero, mas mesmo assim, obrigado.

Um agradecimento em especial vai para a educação pública, da qual sempre fiz parte. Agradeço muito do que sou à Fundação Liberato e aos seus professores. Sou privilegiado em poder ter tido ensino numa escola técnica que escolhe não virar as costas para a formação humanista dos alunos. Dela, levo ainda muitos dos amigos que me acompanham até hoje (alô, “gurizada marota”!). Nela, também foi onde descobri maravilhas literárias nos longos momentos em que explorava os corredores da biblioteca. Lembro muito bem da maratona de leitura que fiz de *O Tempo e o Vento*, e de um determinado momento (acho que em 2008, meu segundo ano), na lanchonete da escola, quando lia o segundo volume de *O Retrato*. Um amigo de uma colega viu o livro em minhas mãos, uma pesada edição em capa dura retirada na biblioteca, e comentou sobre a tremenda perda de tempo que eu praticava ao ler aquele livro. Mostrou uma edição que levava consigo de *A Arte da Guerra*, de Sun Tsu. “Esse sim é uma obra que tu pode usar na vida, não é bobagem de romance”. Não alterei minhas preferências por causa daquele diálogo, mas o levei comigo desde então. A partir disso, sempre olhei com ressalvas quando via alguém ditando o que era “verdadeiramente útil”, ou o que era verdadeiramente parte da cultura.

Agradeço aos amigos da *Isso é Meio*, pelas longas horas de ensaios, cerveja, açúcar com café preto e disposição para conversas em meio ao caos do cotidiano. Levo vocês, mesmo de longe, no coração e nas memórias. “Algumas velhas manias nunca vão desaparecer”, e tudo que eu faço leva a marca de vocês.

Agradeço aos tantos amigos que a UFRGS e o Apers me apresentaram. Mesmo que o vínculo com essas instituições chegue ao fim, a memória que compomos nelas não se apagará. Da UFRGS também agradeço aos professores, em especial à professora Cássia, que sempre se mostrou à disposição para dúvidas, conversas e desabafos, demonstrando uma empatia (que tanto defendo neste trabalho) fantástica.

Agradeço também a John, Paul, George, Ringo, Elton, Martinho, Billy, Chico, Gil, Jorge, Cartola, Elis, Vitor, Cássio, Ricardo, Thomaz, Bibi, Caio, e tantos outros músicos que

me ajudaram nos momentos mais difíceis. Quando tudo parecia sem solução, eu sempre encontrava abrigo e conforto também nas suas letras e melodias.

Além disso, agradeço a toda e qualquer pessoa que direta ou indiretamente tornou esse trabalho possível. Aqui, incluo as pessoas que participaram da pesquisa que é desenvolvida no trabalho: obrigado!

Agradeço à minha família. Eu sei que a nossa relação nem sempre foi das mais fáceis. Entre erros e acertos todos nós estamos aprendendo e crescendo ao mesmo tempo, por mais que eventualmente nos esqueçamos disso.

Finalmente, agradeço à Ingrid. Encontrei em ti aquilo que pensava não existir. Por mais que o tempo passe, nada me parece tão fácil e leve do que estar ao teu lado. Em ti encontro um sentimento de completude que nem livro e nem música nunca me ofertaram. Com um mundo composto por tantas incertezas e inconstâncias, a única certeza que eu tenho é essa: te amo.

Falta alguma coisa no Brasil
depois da noite de sexta-feira.
Falta aquele homem no escritório
a tirar da máquina elétrica
o destino dos seres,
a explicação antiga da terra.

Falta uma tristeza de menino bom
caminhando entre adultos
na esperança da justiça
que tarda - como tarda!
a clarear o mundo.

Falta um boné, aquele jeito manso,
aquela ternura contida, óleo
a derramar-se lentamente.
Falta o casal passeando no trigal.

Falta um solo de clarineta.

A falta de Erico Verissimo, Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho procura entender as condições e os contextos de escrita e lançamento do livro *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo, bem como as formas de leitura e interpretação histórica que o leitor faz da obra. Para isso, foi desenvolvido um formulário de pesquisa em que leitores da rede social Skoob responderam sobre suas experiências e compreensões ao lerem o livro. A obra aborda um acontecimento fantástico na fictícia cidade de Antares: sete mortos levantam de seus caixões e interagem com os moradores e seus antigos conhecidos. A narrativa avança relacionando e misturando História e ficção, mostrando a cidade e os personagens como parte da História e interagindo com figuras históricas. A partir dessa relação, procura-se entender como o leitor transforma uma compreensão literária em histórica, além de indagar como a leitura pode, também, ajudar a formar uma consciência histórica.

Palavras-chave: História. Literatura. Erico Verissimo. Incidente em Antares. Empatia. Consciência histórica. Ciências Humanas.

ABSTRACT

This work seeks to understand the conditions and contexts of writing and launching the book *Incidente em Antares*, by Erico Verissimo, as well as the forms of reading and historical interpretation that the reader does. For this, a research form was developed in which, readers from the social network Skoob, answered about their experiences and understandings when reading the book. The book deals with a fantastic event in the fictional city of Antares: seven dead rise from their coffins and interact with the residents and their former neighbors. The narrative proceeds by relating and mixing History and fiction, showing the city and the characters as part of History and interacting with historical characters. Based on this relationship, we seek to understand how the reader transforms a literary understanding into a historical understanding, in addition to asking how reading can also help to form a historical awareness.

Keywords: History. Literature. Erico Verissimo. Incidente em Antares. Empathy. Historical awareness. Human Sciences.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: ENTRE ESCRITA, LANÇAMENTO E RECEPÇÃO	16
1.1 A elaboração da obra e o seu contexto crítico e político	16
1.2 Incidente em Antares e seus leitores na atualidade	22
CAPÍTULO 2: HISTÓRIA E LITERATURA EM INCIDENTE EM ANTARES	33
2.1 A história narrada de Antares	33
2.2 A mistura histórica-literária de Verissimo	37
CAPÍTULO 3: CAMINHOS LITERÁRIOS PARA UM CONHECIMENTO HISTÓRICO	40
3.1 Ciências humanas em Incidente em Antares	40
3.2 Transformando uma compreensão narrativa em compreensão histórica	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
LISTA DE FONTES	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE A - Formulário de Pesquisa	58

INTRODUÇÃO

Bem, mas não convém antecipar fatos nem ditos. Melhor será contar primeiro, de maneira tão sucinta e imparcial quanto possível, a história de Antares e de seus habitantes, para que se possa ter uma idéia mais clara do palco, do cenário e principalmente das personagens principais, bem como da comparsaria desse drama talvez inédito nos anais da espécie humana (VERISSIMO, 2006, p. 17).

No dia 11 de dezembro de 1963, na pequena cidade de Antares, fronteira do Rio Grande do Sul, foi decretada greve geral. Os grevistas impediram até mesmo a entrada no cemitério e o sepultamento de sete pessoas. Dois dias depois, uma sexta feira 13, os sete defuntos que ainda esperavam seu enterro, cansaram da espera e levantaram de seus caixões. Depois de vagarem por algum tempo, resolverem algumas pendências terrenas, e assombrarem quem lhes encontrava, reuniram-se no coreto da praça central e colocaram-se a denunciar os males e as injustiças da cidade, exigindo que fossem finalmente sepultados.

O leitor, nesse momento, pode sentir-se confuso com esse primeiro parágrafo contendo mortos-vivos numa cidade desconhecida. Podem estar se perguntando se este é realmente um trabalho de História, ou se o autor colocou em risco sua aprovação por fugir do âmbito historiográfico e relatar apenas uma fantasia. Pode chegar até mesmo a bradar, de forma parecida com um dos personagens, dizendo “mas isso é literatura e não história!”. Como uma obra fictícia, que trata sobre o retorno de mortos não enterrados, pode ter algo sequer relacionado à história? A resposta para essa pergunta não é simples, mas envolve entender uma das coisas que os historiadores mais gostam: o contexto.

Incidente em Antares é um romance, portanto uma obra de ficção, lançado em 1971 por Erico Verissimo. Como já descrito, relata o retorno de sete mortos que foram impedidos de serem sepultados por uma greve geral na cidade. A partir dessas informações, já conseguimos entender algumas coisas. Levando em conta o ano de seu lançamento, percebemos então que está localizado temporalmente durante a ditadura civil-militar brasileira, durante o governo de Emílio Garrastazu Médici, e já com o Ato Institucional nº 5 (AI-5) em vigor. Como veremos no trabalho, isso significa que a obra está inserida em um contexto social e político repressivo, e que o seu conteúdo poderia ser considerado subversivo.

Esse tipo de conexão entre informações é contextual. Conhecemos partes de histórias e da História, e formamos retratos mais completos do que estamos lendo. Para David Lowenthal (1998, p. 64), as formas como nós conhecemos o passado são muito simples:

lemos, ouvimos e contamos histórias e causos a todo momento. Essas pequenas parcelas de conhecimento, partilhadas e compartilhadas, formam uma consciência do que conhecemos sobre o que passou.

A obra, de maneira satírica, perpassa por inúmeros momentos e personagens históricos gaúchos e brasileiros, misturando história e ficção de uma maneira muito mais complexa do que aparenta. Apesar de Erico Verissimo negar que *Incidente em Antares* faça parte do realismo mágico latino-americano (BORDINI, 2006, p. 276), o fantástico que emprega em seu livro possui o objetivo de denúncia da realidade social do país naquele momento, bem como do seu passado histórico. Portanto, é um objeto válido de estudo para entendermos e completarmos um pouco mais a nossa própria compreensão histórica, tanto do momento da sua escrita e lançamento, quanto dos momentos descritos no livro.

Este trabalho propõe-se a contextualizar a escrita e o lançamento do livro *Incidente em Antares*, e entender alguns aspectos das possibilidades de leitura da crítica e do público. Mas, mais do que isso, busca compreender como esta obra fictícia é lida, e como esse conhecimento literário é transformado em um conhecimento histórico. Estou ciente de que o que apresento aqui ainda é uma aproximação preliminar em relação a um tema de imensa complexidade: a recepção das obras é um objeto de difícil apreensão. Assim mesmo, podemos tentar conhecer, a partir do que os leitores dizem do que leem, as formas pelas quais se apropriam desse conhecimento histórico-literário, e quais são as consequências dessa leitura para a sociedade em si. Assim, neste trabalho busquei desenvolver algumas reflexões a respeito da empatia que a obra literária pode despertar no público e ponderar sobre o papel que esse predicado tem na formação de uma cultura democrática.

A reflexão, aqui, não é sobre elevar a literatura a um patamar superior a outras formas de produção cultural. O livro e a cultura letrada não podem servir como ferramenta para criação de um grupo fechado em sua própria erudição. Temos a possibilidade do seu uso para expandir e atingir um número cada vez maior de pessoas. As novas tecnologias e os novos formatos de *e-books* podem facilitar esse processo, no entanto, é interessante que saibamos utilizar os livros já existentes para refletir também sobre o passado.

Como defende Jerome de Groot (2009), a História é diariamente consumida através desses produtos culturais. As pessoas, mesmo que de maneira inconsciente, absorvem um conhecimento dito como histórico a todo momento, seja através dos noticiários, seja por meio de filmes, ou até mesmo pelas novelas. É, portanto, fundamental que o historiador se insira nesse campo de estudos, de modo a fundamentar e mediar as discussões e reflexões históricas

na medida em que elas apareçam. Daí a importância de tentar elucidar algumas dimensões da intrincada relação entre ficção, empatia e consciência histórica.

O capítulo 1 deste trabalho ambientou e contextualizou o momento de escrita e lançamento do livro, comparando a reação dos críticos literários no lançamento, com os leitores atuais. Para essa contextualização, utilizou-se as análises de Maria da Glória Bordini, pesquisadora e coordenadora do Acervo Literário Erico Verissimo. A partir do trabalho de Bordini, buscou-se o texto de críticos da época, facilmente encontrados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, e na página do Centro Cultural CEEE Erico Verissimo.

Ainda neste capítulo, elaborou-se um formulário de pesquisa de modo a compreender algumas das concepções e impressões que leitores atuais possuem da obra. Essa pesquisa foi realizada com leitores de *Incidente em Antares* que publicaram resenhas críticas para a rede social Skoob. Com o intuito de entender como os leitores leem o livro, e como recebem e configuram um conhecimento histórico, a pesquisa buscou compreender as diferentes visões que o público tem de personagens e história. O questionário pautou também o desenvolvimento de algumas questões tratadas no restante deste trabalho, norteando e explorando as relações entre história e literatura.

Dentro desse aspecto, este trabalho interage também com o campo da História Digital, pois faz uso de hemerotecas digitais e realiza uma pesquisa com base em uma rede social. Esse campo de estudos fornece a cada momento uma infinidade de novas fontes e materiais para o trabalho do historiador, criando novas linhas de atuação.

O segundo capítulo construiu-se a partir das ligações entre História e Literatura na obra. As distâncias entre os dois campos se tornaram menores nos últimos anos, e passam cada vez mais por complementos e interdisciplinaridades. *Incidente em Antares* é dividido em duas partes, e a primeira é onde vemos mais notoriamente as possibilidades de uso para uma compreensão histórica. A segunda parte é onde a ação “realmente” acontece, e é onde podemos perceber as formas mais abstratas de um conhecimento histórico, pois percebemos as formas indiretas que o autor utiliza para denunciar o presente daquele momento. As formas narrativas de Verissimo, aqui, são pensadas a partir das compreensões de Márcia Ivana de Lima e Silva (2005), que analisa *Incidente em Antares* com base na sua intertextualidade com *O Tempo e o Vento*, saga do mesmo autor.

Por fim, no Capítulo 3, procurou-se compreender as formas pelas quais os leitores transformam uma compreensão literária em compreensão histórica, e como isso pode ajudar na construção de uma sociedade mais democrática. A filósofa Martha Nussbaum (2015)

reflete sobre como as ciências humanas são fundamentais para a democracia. Com isso, foi necessário refletir sobre como as ciências humanas são idealizadas e minimizadas na sociedade, algo que no próprio *Incidente em Antares* é discutido. Além disso, como veremos, a literatura pode gerar no leitor uma empatia transformadora, que pode atuar na constante elaboração de uma consciência histórica, como defende Andreea Deciu Ritivoi (2018).

Como dito, o historiador adora contextualização, e aqui, o autor deste trabalho se permite mais uma, antes do início propriamente dito. Este trabalho de conclusão, como produto cultural e de conhecimento, está inserido em um momento no tempo e no espaço. Mais especificamente, esse trecho da Introdução é escrito no dia 22 de abril de 2021. Segundo os últimos dados, nesse dia, já são trezentos e oitenta e um mil seiscentos e oitenta e sete (381.687) o total de brasileiros mortos desde o início da pandemia pelo novo coronavírus, Covid-19 (BRASIL..., 2021). Esse número ficará rapidamente desatualizado, pois sobe a cada dia, se mostrando longe de ter um fim. Numa associação de muitos erros, ingerências e negacionismos, o governo federal pode e deve ser investigado pela sua responsabilidade por esse genocídio da população brasileira¹. *Incidente em Antares* narra a história de sete mortos levantando e denunciando os crimes e a hipocrisia daquela sociedade. Como veremos, alguns cobram, também, justiça por suas mortes. Seríamos capazes, hoje, de lidar com essas milhares de vítimas do Covid-19 denunciando os crimes que sofreram?

Além disso, é importante destacar as dificuldades que compõem esse tipo de pesquisa no momento atual. Com bibliotecas, acervos e museus fechados devido à pandemia, o trabalho precisou ser pautado a partir das fontes e bibliografias disponíveis para o autor. É por esse motivo que a pesquisa utiliza muitas vezes das hemerotecas digitais e artigos acadêmicos disponíveis na internet.

¹ Em nota técnica, o Instituto Nacional de Pesquisa e Promoção de Direitos Humanos (INPPDH) apontou diversas condutas e omissões que indicam crime de genocídio e também crimes contra a humanidade, como tipificado no Estatuto de Roma, do qual o Brasil é signatário desde 7 de fevereiro de 2000. Para mais informações consultar: INPPDH. **Possível Configuração de Crime Contra a Humanidade e de Crime de Genocídio pelo Presidente da República**. Campinas: 2021. – (Nota Técnica). Disponível em: https://a8aaa9e1-7e7a-40b4-a52d-2d1af25a4299.filesusr.com/ugd/f4e22d_24d5c783829149f59f67e336603b9a11.pdf. Acesso em 02 de maio de 2021.

Nesse mesmo aspecto, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) emitiu um parecer apontando os crimes perpetrados durante o enfrentamento à pandemia de Covid-19, concluindo que existem diversos motivos para responsabilizar e levar a julgamento internacional o Presidente da República. Para mais informações, consultar: OAB. Comissão Especial para Análise e Sugestões de Medidas ao Enfrentamento da Pandemia do Coronavírus. **Estruturas de Responsabilização Criminal do Presidente da República**. 2021. - (Parecer). Disponível em: <https://s.oab.org.br/arquivos/2021/04/38a7e5c2-a16f-4aa6-8965-570b8d26efd9.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2021.

José Carlos Reis conta que “diz a tradição que um homem insepulto não gozará jamais de paz eterna. O historiador dá voz, faz falar os mortos” (2011, p. 59). Nesse sentido, o trabalho historiográfico necessário para conservar a memória do que está acontecendo será árduo, mas extremamente necessário. Este trabalho sai, como veremos, também em defesa das ciências de maneira geral, sistematicamente atacadas, com recursos cada vez mais escassos e cortados, e que nesse contexto se mostram tão necessárias para a sociedade.

Isso também me remete a Erico Verissimo. Em 1972, o autor lançou o livro *Um certo Henrique Bertaso*, biografia de seu amigo e sócio da editora Globo em Porto Alegre, Henrique Bertaso. O escritor descreve em um determinado momento, como era o sentimento de viver entre 1930 e 1945:

Nos dias de maior depressão ante uma negra notícia confirmada ou um simples boato (vivíamos sob o signo dos "golpes" no Brasil), eu costumava entrar no escritório de Henrique, atirar-me numa cadeira e ali ficar, soturno, cenho cerrado, em agourento silêncio. Meu amigo continuava a trabalhar, inclinado na mesa.

– A coisa está preta², Henrique – dizia-lhe eu. – A gente perde até a vontade de trabalhar... Pra que, se o mundo parece que vai acabar?

Henrique discutia a situação e concluía sempre com estas palavras:

– Como diz o Antonio Dias, não há de ser nada. Vamos tocar pra frente (VERISSIMO, 2005, p. 76).

Que também façamos isso: toquemos para a frente, mas que nunca nos esqueçamos.

² Atualmente o uso da expressão “A coisa está preta” é problemática e racista. Mesmo que a sua origem ainda seja discutida, a frase toma um significado pejorativo quando vista sob a Análise do Discurso, algo que ainda não era comum em 1972 quando escrito por Verissimo. Sobre esse assunto, consultar:

AMARO, Thauany Ferreira; SOUZA, Antonio Carlos Santana de. “A Coisa Tá Preta”: uma análise discursiva acerca da resignificação da expressão idiomática no videoclipe de rincón sapiência. **Linguagem em foco**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 136-147, mar. 2020.

CAPÍTULO 1: ENTRE ESCRITA, LANÇAMENTO E RECEPÇÃO

1.1 A elaboração da obra e o seu contexto crítico e político

Os historiadores de Antares, que não são muitos, até hoje temem lembrar certos “fatos desagradáveis” da crônica desse município (VERISSIMO, 2006, p. 29).

Incidente em Antares, uma obra que trata diretamente da história e do sistema político brasileiro, não foi, ironicamente, concebida no Brasil. A ideia teria vindo inicialmente de uma greve de coveiros em Nova York que Verissimo viu através de uma foto de revista em 1969, originando o projeto de romance *A Hora do Sétimo Anjo*, referência à passagem bíblica no Apocalipse. O projeto de Erico era basear-se na fotografia, que mostrava doze caixões não enterrados, e colocar também os mortos em greve: “E se esses mortos resolvessem erguer-se e fazer greve contra os vivos?” (VERISSIMO, 1971 apud BORDINI, 2006, p. 275). No entanto, o autor não conseguia desenvolver o livro por achar que, num país como o Brasil, greve de coveiros seria algo improvável (BORDINI, 2006, p. 275).

A relação de Erico com os Estados Unidos, aliás, vinha de longa data. Muito antes já havia sido convidado pelo próprio Departamento de Estado estadunidense para congressos em 1941. A viagem de cinco meses exigiu do escritor diversas palestras e visitas feitas a universidades pelo país (TORRESINI, 2003, p. 107). No ano de 1943, já de volta ao Brasil, o autor entrou em embate judicial contra o padre Leonardo Fritzen, que o acusava de imoralidade no livro *O Resto é Silêncio* (1942). O processo ganhou repercussão, transformando-se em uma disputa entre apoiadores e detratores do governo Vargas, o que acabou por desgastar o escritor, que decidiu mais uma vez aceitar o convite do Departamento de Estado norte-americano, mudando-se por dois anos, junto com a família, para lecionar Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia (TORRESINI, 2003, p. 113). Segundo o próprio autor, o aceite ao convite se deu em função das relações do Brasil com o nazifascismo e as dificuldades de viver sob regime do Estado Novo (VERISSIMO, 2005, p. 79).

Em 1970, Erico Verissimo visitava sua filha Clarissa, casada com um estadunidense, no estado da Virgínia, quando começou a redigir o livro. Como solução para a improbabilidade da greve de coveiros, segundo Maria da Glória Bordini (2006, p. 276), que analisou os seus diários, Erico criou uma barreira de trabalhadores que impediriam os coveiros de realizar a sua função. Muitos dos personagens e dos contextos foram retirados do

antigo projeto *A Hora do Sétimo Anjo* para fazer parte do *Incidente em Antares* (BORDINI, 2006, p. 276).

Incidente em Antares tornou-se, rapidamente, um sucesso de vendas. José Otávio Bertaso — filho de Henrique Bertaso, grande amigo do autor, e também um dos responsáveis pela Editora Globo de Porto Alegre — afirmou que o livro obteve um total de 30.000 (trinta mil) cópias vendidas em 1971 (Bertaso, 2004 apud BORDINI, 2006, p. 278). Entretanto, a editora precisou de criatividade para circundar a censura.

Sandra Reimão em seu artigo "*Proíbo a publicação e circulação...*" — *censura a livros na ditadura militar* (2014), sistematiza como ocorreu esse cerceamento à liberdade de expressão, sobretudo à literatura. No período inicial, entre 1964 e 1968, a censura a livros não foi o foco principal dos militares e, quando realizada, era de maneira "confusa" (REIMÃO, 2014, p. 75). Nesse período, o regime atuou, sobretudo, no ataque a editoras e no confisco de livros, tendo inclusive, a prisão de Ênio Silveira em 1965, proprietário da Editora Civilização Brasileira, como um dos eventos marcantes. Em repúdio a isso, foi criado um manifesto com mil assinaturas, o que acabou acarretando uma carta de reprimenda do presidente na época, Castelo Branco, a Ernesto Geisel, chefe de Gabinete Militar, e que, futuramente, voltaria como presidente: "Por que a prisão do Ênio? Só para depor? A repercussão é contrária a nós [...]. Apreensão de livros. Nunca se fez isso no Brasil. Só de alguns (alguns!) livros imorais. Os resultados são os piores possíveis contra nós. É mesmo um terror cultural" (BRANCO, 1965 apud REIMÃO, 2014, p. 76). Reimão (2014, p. 76) destaca que, ainda que houvesse atos terroristas e ataques a editoras e a livros nesse período, não havia, até 1967, uma estrutura central de censura, o que só veio a se estabelecer com a Constituição de 1967, que centralizava a censura como atividade do governo federal. Em 13 de dezembro de 1968, sexta-feira, o então presidente Costa e Silva editou o Ato Institucional de número 5 (AI-5) que, dentre outras coisas, ratificava e criava condições para a censura à divulgação da informação, manifestações de opiniões e a produções culturais e artísticas. A partir disso, em 1970, a censura prévia de livros foi regulamentada, prevendo a pré-leitura das publicações pelo Ministério da Justiça, que julgaria o que seria tolerado ou o que seria apagado (REIMÃO, 2014, p. 77). Nesse período, Erico Verissimo e Jorge Amado foram figuras proeminentes na oposição à censura prévia. Líderes nas listas de mais vendidos, colocaram-se em oposição ao regime, e negaram-se a mandar os seus livros para os censores. Essa reação resultou numa alteração da lei por parte do governo, que tornou não obrigatório o envio de publicações que fossem de cunho técnico-científico ou que não tratassem de "sexo,

moralidade pública, e bons costumes", ainda que essa definição pudesse ser dúbia e rasa (REIMÃO, 2014, p. 78). O AI-5 durou até 1 de janeiro de 1979, quando foi revogado por emenda constitucional (promulgada em 1978). Nesse período, segundo Zuenir Ventura (1988, p. 285 apud REIMÃO, 2014, p. 77), foram censurados “cerca de 500 filmes, 450 peças de teatro, 200 livros, dezenas de programas de rádio, 100 revistas, mais de 500 letras de música e uma dúzia de capítulos e sinopses de telenovelas”³.

José Otávio Bertaso, ao ler os originais do *Incidente em Antares* e chegar à conclusão de que o livro poderia ser apreendido e censurado, mandou que fosse redigido um cartaz escrito: "Num país totalitário este livro seria proibido" que, mais tarde, com o lançamento da obra, seria distribuído para exposição nas livrarias (BORDINI, 2006, p. 277). José Otávio Bertaso afirmou ainda (2004 apud BORDINI, 2006, p. 278) que levou o cartaz para a revisão do general Paula Couto, que não se mostrou contrário à divulgação. Além disso, o general requisitou que uma cópia do livro fosse deixada para ter o seu conteúdo lido, algo que Erico Verissimo não ficara sabendo. Mesmo assim, o livro não passou por censura. Para Maria da Glória Bordini (2006, p. 278), não há consenso em se afirmar o porquê de a obra não ter sido apreendida e censurada, mas a autora cogita a possibilidade de o regime ditatorial não querer enfrentar a popularidade de Verissimo e nem a importância política da família Bertaso. Em trabalho defendido recentemente, Amanda Luiza Mattje Flores (2020, p. 54), argumenta que, mesmo que o livro não tenha sido proibido, ainda assim não podemos considerá-lo como livre do processo de censura. O simples fato da leitura do mesmo por militares antes do lançamento:

é uma forma de análise censória, mesmo que informal, pois consiste em uma avaliação política, que não diz respeito a questões artísticas, editoriais ou mercadológicas e que foi motivada pelo receio de José Otávio Bertaso de que o romance sofresse oposição por parte do governo (FLORES, 2020, p. 54).

É interessante pensarmos que o livro tenha sido lido por militares quando pensamos nas comparações feitas por Erico Verissimo entre censura prévia da Ditadura brasileira e Nazismo alemão. Em entrevista para a revista *Manchete* em 1971, o autor afirmou que a censura seria "uma guinada vergonhosa rumo do obscurantismo e dos autos-da-fé" e que os

³ A censura a livros durante a Ditadura Civil-Militar não é um dos aspectos centrais deste trabalho, mas existe uma vasta bibliografia que trata de forma mais ampla sobre o tema. Sobre esse assunto, consultar:

FICO, Carlos. 'Prezada Censura': cartas ao regime militar. **Topoi**, Rio de Janeiro, dez. 2002.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda**: Jornalistas e Censores, do AI-5 à constituição de 1988. São Paulo: Boitempo; FAPESP, 2004.

MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**. Editoras de oposição no Brasil, 1974-1984. São Paulo: Publisher, 2013.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência**: Censura a Livros na Ditadura Militar. São Paulo: Edusp, 2011.

oficiais militares pareciam ter lido a "Ascensão e Queda do III Reich" para pensarem nisso. (VERISSIMO apud MARZOLA, 1971, p. 47). Em entrevista para a revista *Veja*, em janeiro de 1974, Verissimo reafirma essa opinião, ao dizer que se sentia “envergonhado, como brasileiro, de equiparar-me à época em que Hitler e Goebbels amordaçaram a inteligência e o livre debate na Alemanha Nazista” (VERISSIMO apud RIBEIRO, 1974, p. 56).

A relação de Erico Verissimo com a crítica, por sua vez, foi de constante oscilação. Em oposição ao grande reconhecimento do autor pelo público, a crítica literária, principalmente nas primeiras obras do autor, era em sua maioria negativa (SANTOS, 2019, p. 100). Para Maria da Glória Bordini (2005, p. 14 apud SANTOS, 2019, p. 100), a maior parte dessa crítica contrária à obra de Verissimo era velada, propagada nos círculos intelectuais e não direcionada à qualidade das obras em si. De certa maneira, o enorme sucesso de vendas do autor era visto como algo problemático para a crítica, como afirma Antonio Candido (2004 p. 63 apud SANTOS, 2019, p. 102): "Se há escritor popular no Brasil, é Erico Verissimo. Razão suficiente para as nossas elites delicadas torcerem o nariz ante a sua obra".

Verissimo, por outro lado, separava os críticos em dois tipos. Na já referida entrevista para Norma Marzola, da revista *Manchete* (1971, p. 42), o autor deixa claro que gosta das críticas que são bem direcionadas:

Não gosto dos críticos que usam o tom apocalíptico e escrevem ou falam com ar de 'última palavra'. Prefiro os que me tomam pelo braço e dizem: 'Li o teu livro. Vou te dizer do que gostei e do que não gostei, e vou te mostrar porquê.' Desse tipo de crítico eu gosto. Posso tirar proveito de suas opiniões sobre meus escritos. Jamais suportei os sectários, os dogmáticos (VERISSIMO apud Marzola, 1971, p. 42).

Esse pensamento de Verissimo condiz com o que Tzvetan Todorov caracteriza como crítica dialógica (2013, p. 245). A crítica, antes de ser crítica, é diálogo entre o crítico e o escritor. Esse caminho de comunicação deveria ser aberto nos dois sentidos, de maneira a construir a crítica como prática de debates formadores para um enriquecimento do conhecimento.

Desde seu livro de estreia, *Fantoches* (1932), Erico sofreu com a crítica. Em *Um certo Henrique Bertaso* (lançado originalmente em 1972), biografia de um dos sócios e editores da editora Globo, de Porto Alegre, com quem Verissimo tinha uma relação muito forte de amizade, o autor relata o recebimento do seu primeiro livro e como se sentiu:

O primeiro artigo que apareceu na imprensa sobre esse primeiro livro meu foi uma crítica ferina, publicada na quarta página do *Correio do Povo*. Seu autor me agredia pessoalmente, acusando-me, entre outras coisas, de ser membro duma "rodinha de elogio mútuo". Afirmava que eu não tinha e jamais teria qualidades literárias. Em suma: um escritor sem futuro. Confesso que o artigo me fez mal: pensei até em

quebrar a cara do articulista (tudo pura ficção!). Passei dias sentindo arder a ferida. Contudo, Agripino Grieco — impiedoso com os figurões da literatura mas tolerante e benévolo para com os novos — publicou num jornal do Rio um artigo em que elogiava *Fantoches*, e isso me deu alma nova (VERISSIMO, 2005, p. 34).

Segundo Maria da Glória Bordini (2005, p. 14 apud SANTOS, 2019, p. 100), Erico Verissimo só obteve o reconhecimento da crítica literária a partir dos anos 70, com Flávio Loureiro Chaves escrevendo *O Contador de Histórias* (1972), uma crítica sobre a obra de Verissimo que analisou seu teor estético e literário. No caso de *Incidente em Antares*, foram raras as críticas ao livro durante certo tempo. Segundo José Otávio Bertaso (2004 apud BORDINI, 2006, p. 278): "Poucas manifestações apareceram. Houve muitas notícias, mas a crítica foi reduzidíssima. Por temor à censura, evidentemente". A seguir, analisaremos algumas dessas críticas publicadas em jornais de grande circulação à época da publicação do romance. Todas as edições aqui consultadas estão digitalizadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Carlos Lacerda, em sua coluna com o título *Os Fantasmas de Erico Verissimo* para o *Jornal do Brasil*, de 27 de novembro de 1971, critica e endossa alguns dos estilos linguísticos do escritor gaúcho, considerando a escrita de Verissimo como "descuidada" em certos momentos e denotando determinadas situações do livro como previsíveis. Lacerda também critica a transição que considera brusca de uma narrativa histórica para a fantasia de mortos retornando. Além disso, para Lacerda, muitas das ações e opiniões que alguns personagens tomam são criadas para que o próprio Verissimo não se exponha. Lacerda, no entanto, concorda sobre a coragem do lançamento do livro e, sobretudo, da mistura entre História e ficção:

Não será a melhor recomendação do escritor, mas é a melhor confirmação de seu valor de gente, de sua personalidade compassiva ao mesmo tempo que honestamente incapaz de falsificar sentimentos e embarcar na canoa de ideologias, a corajosa denúncia de erros e crimes e a seriedade com que procura misturar seus personagens com os da história contemporânea do Brasil; de tal modo que a ficção se torna realidade e esta, uma impressionante ficção. Quais dos personagens dêste livro pertencem mais à ficção, não sei. Cada leitor fará seu próprio juízo. Alguém dirá que os fantasmas dêsse romance não convencem. A mim, convenceram. Para mim êsse romance está repleto de fantasmas, muito além daqueles que o Autor definiu como tais. E isto é que dá ao livro sua grandeza, a par da coragem simples e despreziosa com que faz as necessárias denúncias e toma em face do abuso, a posição que compete à inteligência (LACERDA, 1971).

Carlos Lacerda, muito atuante na política nacional, já fora vereador (1947) e deputado federal (1956-1960) pelo Distrito Federal, governador do extinto estado da Guanabara (1960-1965) e sofrera uma tentativa de assassinato em 1954, que culminara no suicídio de Getúlio Vargas. Em 1964, Lacerda, então governador da Guanabara, apoiou o

golpe civil-militar e foi um defensor dos militares no poder. Desiludindo-se com o regime e com a suspensão das eleições diretas, Lacerda foi, pouco a pouco, afastando-se do governo, até que em 1966, já se mostrava na oposição, no que a imprensa denominou como Frente Ampla, colocando Lacerda lado a lado com seus antigos rivais políticos: Juscelino Kubitschek e João Goulart. No dia seguinte à publicação do AI-5, Lacerda foi preso, sendo liberado uma semana depois por fazer greve de fome e se mostrar debilitado. Com os direitos políticos suspensos por dez anos, colaborava eventualmente com textos e críticas para *O Estado de São Paulo* e para o *Jornal do Brasil*.⁴ Foi nesse contexto em que a sua crítica para *Incidente em Antares* foi publicada, no ano de 1971. É interessante vermos como um jornalista e político, que apoiou o golpe, defende a posição política crítica do livro, fazendo o que poderíamos chamar de uma autocrítica ao seu posicionamento anterior.

Já em *Do Permanente e do Incidental, de fantoches a Antares: a ficção de Erico Verissimo*, por José Augusto Guerra, no suplemento literário no jornal *O Estado de São Paulo* de 11 de março de 1973, a crítica vai além. José Augusto Guerra, em sua crítica de página inteira, inicialmente faz uma ligação sobre como Erico Verissimo fala através de seus personagens em diversos livros, algo que Lacerda já havia pincelado. Depois, Guerra ataca a visão defendida pelo personagem Martim Francisco Terra, chamando-a de "liberalismo utópico", o que, segundo ele, nunca teria existido. De certa forma podemos entender que o ataque a Martim Terra se estende a Erico Verissimo justamente por essa ligação que Guerra faz entre personagem e escritor. Guerra também deixa claro que, para ele, os personagens são caricatos e falsos, além de serem visivelmente extensões do pensamento de Verissimo:

Atadas as pontas da vida, verifica-se que a prosa caricatural ora resulta um desprezo à realidade, ora de uma visão unilateral dos problemas sociais e políticos. Em qualquer dos casos, sente-se a sombra do artifício engendrando as personagens, que não se movimentam com liberdade (para usarmos a palavra mágica), mas são dirigidas por cordões bem visíveis. Cordões que, quando presentes ou ausentes, determinam o que há de permanente e de incidental na ficção de Erico Verissimo (GUERRA, 1973).

Para Bordini (2006, p. 280), essa crítica veemente no artigo parece demonstrar a posição favorável que Guerra teria ao regime militar. Não consegui localizar mais informações a respeito do autor, a fim de compreender sua posição e atuação mais geral naquele contexto.

⁴ Essa breve biografia política de Carlos Lacerda foi redigida com base no verbete do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Para maiores informações sobre Carlos Lacerda, ver o verbete biográfico disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-fredErico-werneck-de-lacerda> Acesso em: 22 de março de 2021.

De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu (1996, p. 193), o papel do crítico é fundamental na criação do autor. Enquanto o autor tece seu texto, sua obra de arte, ele gera-o a partir de um modo de produção que Bourdieu caracteriza como antieconômico, uma “lógica econômica às avessas”, pois tem seu valor como um bem simbólico, o valor do conteúdo da arte em si, o que poderíamos designar como seu legado sócio-intelectual (1996, p. 163). Em contrapartida, para a obra de arte prosperar, nesse caso o livro, ela precisa necessariamente passar também por um modo de produção econômico: ser fabricada, ser distribuída, publicizada, vendida etc. Aqui entra o principal valor do crítico: ele é responsável por essa criação de parte do valor simbólico do produto, que poderá relegar-lhe um aumento do seu valor antieconômico, e por consequência, um aumento do seu valor econômico (BOURDIEU, 1996, p. 193). No caso específico de Erico Verissimo, nesse momento em 1971, reconhecido como dos poucos de sua geração, ao lado de Jorge Amado, a viver apenas da escrita literária (MARZOLA, 1971, p. 42), podemos concluir que esse papel do crítico seria reduzido, mas não inexistente. A recuperação do valor despendido em produção e distribuição só se dá com a valorização simbólica da arte (BOURDIEU, 1996, p. 198), e isso Erico Verissimo conquistava a partir da crítica e do seu próprio reconhecimento como autor já consagrado pelo público.

1.2 Incidente em Antares e seus leitores na atualidade

— Mas afinal de contas — perguntou um dos próceres —, que é que os senhores desejam descobrir?
 — Bom — hesitou Martim Francisco —, queremos saber que tipo de cidade é Antares, como vive a sua população qual o seu nível econômico, cultural e social, os seus hábitos, gostos, opiniões políticas, crenças religiosas, as suas... vamos dizer, superstições, em suma... tudo! (VERISSIMO, 2006, p. 140).

Em comparação com essa visão da crítica em relação à obra de Erico Verissimo, realizei uma pesquisa entre leitores atuais da obra. Segundo Jerome de Groot (2009, p. 5), a proteção de uma consciência histórica passa diretamente por entender com quais fontes e de que forma determinado grupo consome História. Portanto, tentei entender como o leitor, que muitas vezes não é acadêmico, lê esse livro, como ele ressignifica o conhecimento literário em conhecimento histórico e como se dá uma eventual consulta posterior para entender História.

Para essa pesquisa, utilizei a rede social *Skoob*⁵, uma rede social brasileira com foco em livros e leitores. Nela, o usuário pode marcar seus livros como "lidos", "lendo", "quero ler", "relendo" e "abandonados". O site possui também a opção de amizades entre os "skoobers" (os usuários da rede) e compartilhamento de avaliações e de resenhas dos livros, produzidas pelos usuários (GHEDIN, 2010).

A rede social aqui está sendo utilizada como fonte digital. Para Zaagsmabmgn (2013 apud TELLES, 2017, p. 85), o uso das redes sociais, no campo da historiografia, está inserido dentro do campo da História Digital, sobre o qual falamos brevemente na introdução. O uso e escrita dentro das redes sociais é uma forma de documentação de fonte, além disso, tudo relacionado ao que produzimos na internet, desde buscas de acesso até e-mails, são também uma forma de produção de documentação histórico digital (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 200). Para Jerome de Groot (2016, p. 90-91), a forma como o público entende e lê sobre história se alterou muito com o avanço da internet. O leitor, agora, interage com a história e com o passado, faz parte dela. Podemos usar como exemplo as próprias resenhas no *Skoob*, essa interação dentro da rede forma uma nova espécie de arquivo histórico digital (GROOT, 2016, p. 90-91).

Uma problemática que devemos lembrar ao pensarmos em História Digital é a dos algoritmos das redes e as chamadas "bolhas": o que nos é indicado como sugestão na internet é construído a partir de uma série de fatores, basicamente compostos pelo histórico de pesquisas já realizadas (PARISER, 2012 apud CÂMARA; BENICIO, 2017, p. 48). Desse modo, o usuário é orientado, costumeiramente, a consumir um conteúdo que permanece dentro de um padrão já configurado, que não tende à mudança, sem contar o fato de que essa dependência do algoritmo pode nos afastar de um pensamento mais democrático e plural:

Além de enfraquecer nosso senso do que é público, que se baseia, essencialmente, em questões que nos são alheias, a personalização da internet leva o usuário a um sentimento de infalibilidade, uma vez que sua percepção de mundo está deformada pelos filtros. Sem saber quais os critérios de seleção são utilizados para definir o que será tornado visível e o que será deixado de fora, o indivíduo tem a sensação de que está vendo tudo, e de que tudo corresponde ao modo como ele pensa (CÂMARA; BENICIO, 2017, p. 49).

Se as formas pelas quais o leitor lê e recebe a história se alteraram, essa mudança também afetou a forma como o historiador lida com o seu ofício. Para Serge Noiret :

Quase todas as problemáticas tradicionais do ofício de historiador, da delimitação de uma hipótese de pesquisa à descoberta, ao acesso e à gestão dos documentos e das fontes, até conseguir os fundamentos narrativos e, sobretudo, até a comunicação da

⁵ O nome Skoob vem de "books" ao contrário. Do inglês, "livros".

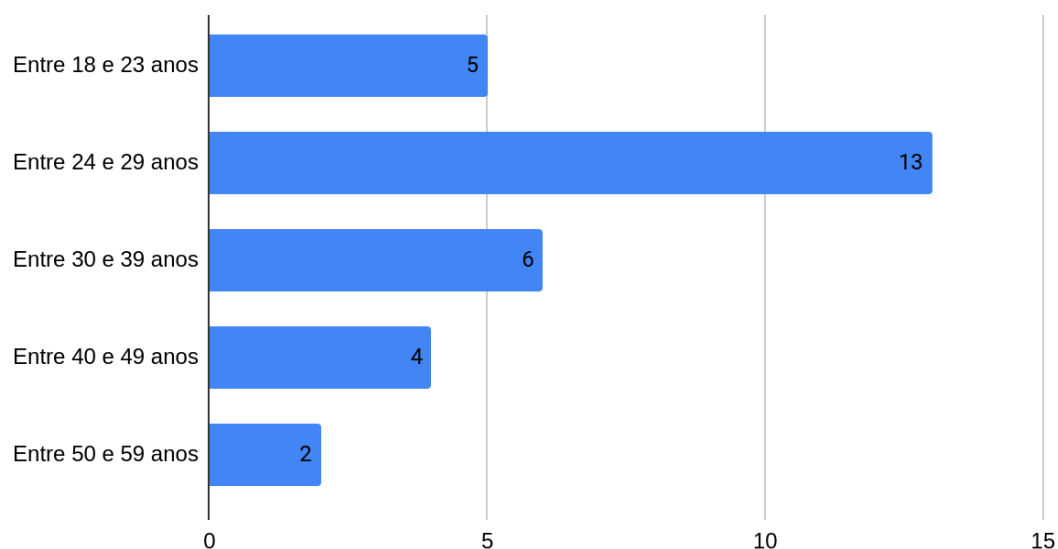
história e dos resultados de pesquisa, e, finalmente, o ensino da história, passam agora, em parte ou no todo, pela tela do computador. Essas práticas se aninham no interior da rede (2015, p. 32-33).

O próprio fato de a presente pesquisa acontecer a partir de uma rede social, sem a interação física com os participantes, além das consultas às hemerotecas digitais, pode ser lido como uma alteração no processo de pesquisa tradicional.

De modo a entender as percepções que as pessoas têm ao lerem *Incidente em Antares*, elaborei um formulário de pesquisa (Apêndice A) que analisou o intrincamento entre História e Literatura. Ao redigir o questionário, procurei equilibrar perguntas que fossem pertinentes ao meu objetivo, mas que, ao mesmo tempo, fossem passíveis de serem respondidas, sem que o usuário se sentisse compelido a abandoná-lo. Dividi-o em cinco blocos de perguntas de maneira básica: o primeiro bloco apenas com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a possibilidade de aceite ou de recusa por parte do usuário. O segundo bloco começa a analisar o perfil do pesquisado, dando a opção de faixas de idade. Importante salientar que, caso o respondente fosse menor de idade, a pesquisa encerraria, devido à impossibilidade de entrar em contato com responsável legal para o consentimento da participação. O terceiro bloco continuou a buscar o perfil social do consultado, respondendo dados de regionalidade geográfica, escolaridade formal, identidades de gênero, além de dados relativos à leitura em si e formação, como o ano em que leu, se possui formação (concluída ou em andamento) nas áreas de História ou Literatura e se o pesquisado é interessado por História. O quarto bloco foi criado na tentativa de construir um perfil de leitura do livro para cada usuário, tentando compreender como cada um interligou a leitura literária com a leitura histórica. O quinto bloco foi apenas de finalização da pesquisa, como opcional, o usuário pôde deixar informações de contato para possíveis perguntas adicionais ou sobre atualizações da pesquisa.

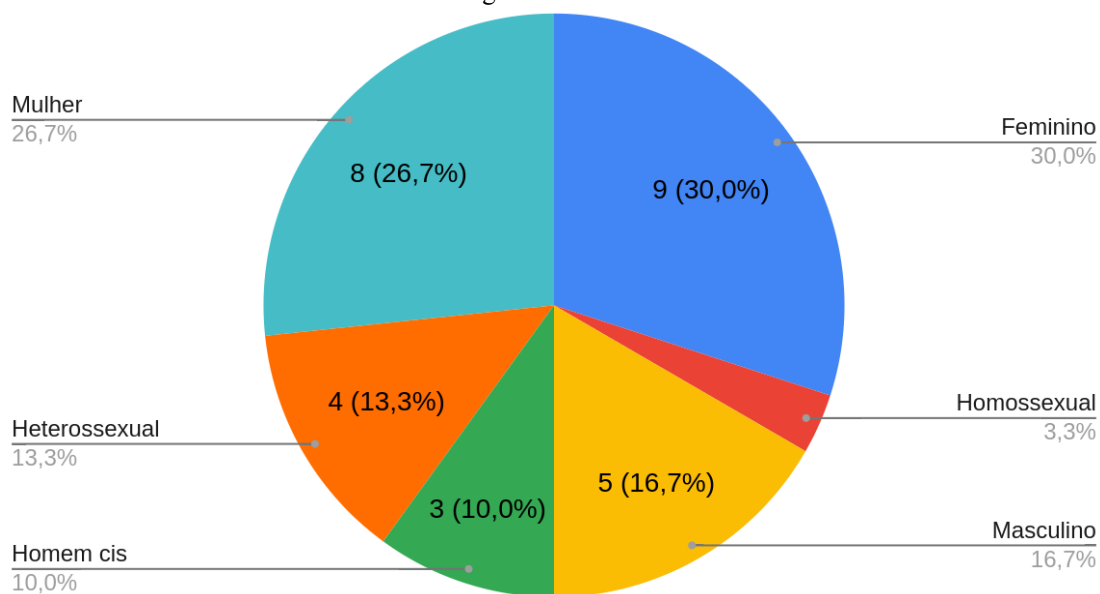
O público da pesquisa foi escolhido a partir das resenhas publicadas para o livro *Incidente em Antares*. Para isso, enviei, individualmente, o formulário para os cinquenta últimos usuários que haviam encaminhado resenhas dentro do site. Desse total, trinta pessoas responderam anonimamente o documento e, de modo geral, se mostraram muito participativas e elucidativas nas respostas.

A pesquisa se mostrou bem diversa em questões etárias, mas com maioria de pessoas entre 24 e 29 anos:

Gráfico 1: Perfil etário dos leitores de *Incidente em Antares*.

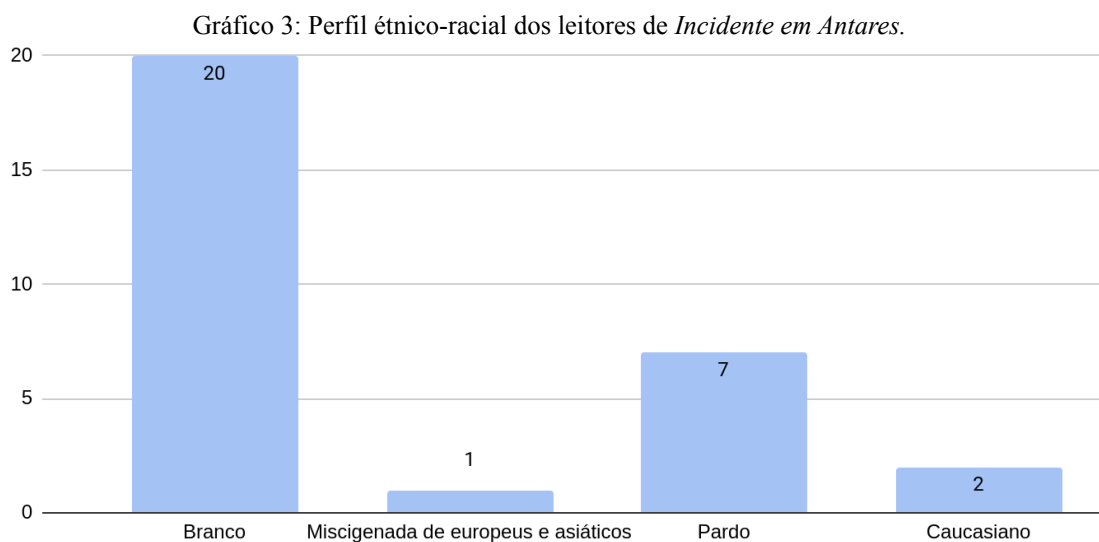
Fonte: elaborado pelo autor.

Com o objetivo de não delimitar as autodeclarações de raça e de identidades de gênero, mantive essas perguntas em aberto e opcionais, para que o respondente tivesse liberdade para se autodescrever. Pude perceber a dificuldade de alguns ao preencher esses dados. Em um dos espaços de dúvidas ou sugestões, um dos entrevistados sugeriu ainda que fossem colocados exemplos de identidade de gênero, o que demonstra essa incompreensão parcial ao questionamento. Como mantive a pergunta aberta, represento aqui da maneira como foi respondida, sem alteração do que foi escrito pelos usuários:

Gráfico 2: Perfil identitário de gênero dos leitores de *Incidente em Antares*.

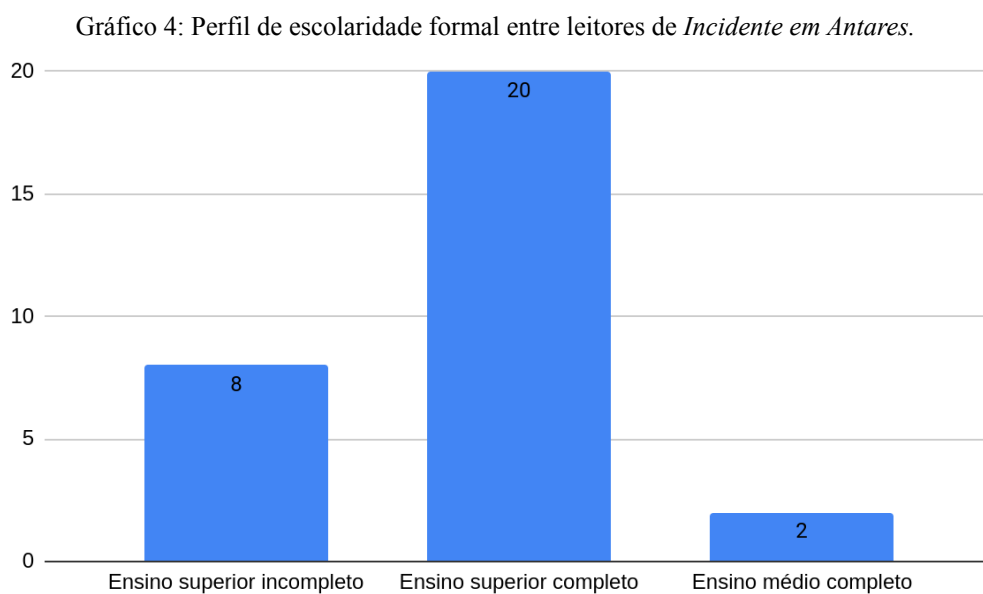
Fonte: elaborado pelo autor.

Da mesma maneira, mantive a declaração em termos étnico-raciais em aberto, e represento tal qual foi respondida no questionário. Nesse quesito, a pesquisa se mostrou pouco diversa:



Fonte: elaborado pelo autor.

Outro ponto que se mostrou com pouca diversidade foi relacionado à formação escolar formal, com a maioria dos usuários respondendo ter ensino superior completo ou incompleto:

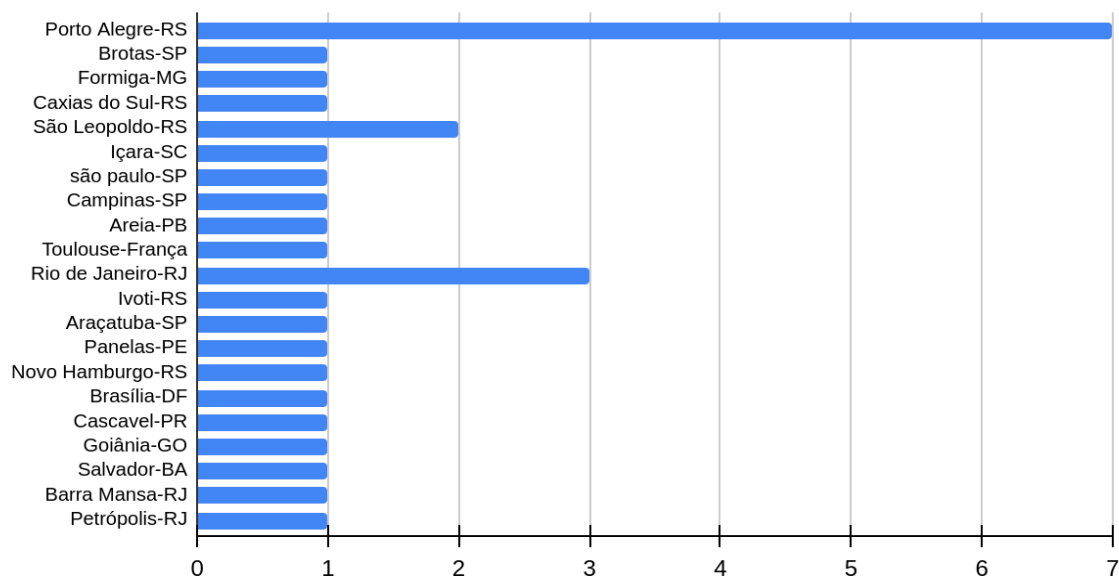


Fonte: elaborado pelo autor.

Pode-se dizer ainda que, geograficamente, a pesquisa foi bem diversificada. Ainda que a maior parte dos entrevistados tenham dito que moram no Rio Grande do Sul, o

formulário foi preenchido por moradores de onze estados brasileiros, além de um respondente de Toulouse, na França:

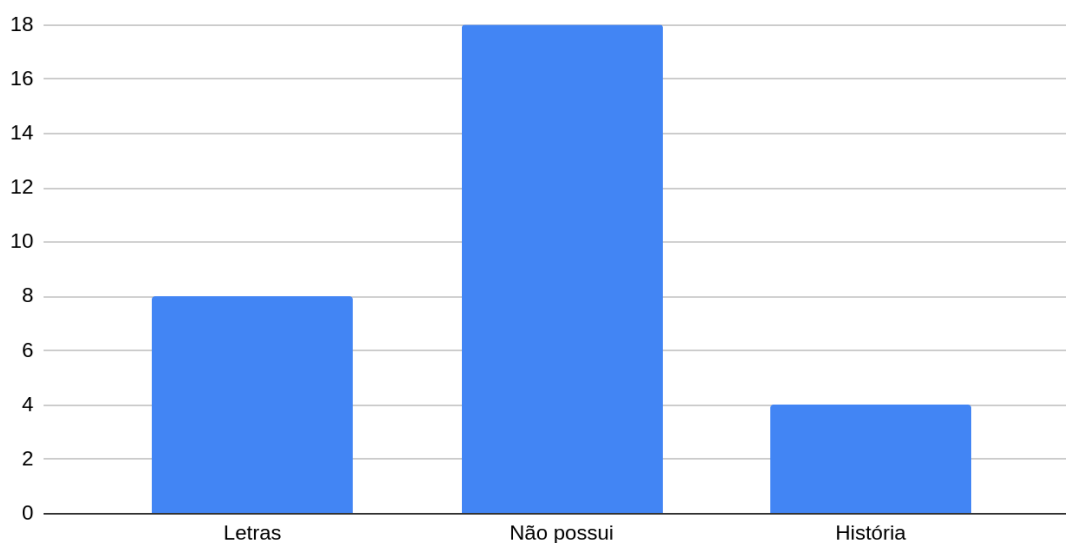
Gráfico 5: Perfil geográfico dos leitores de *Incidente em Antares*.



Fonte: elaborado pelo autor.

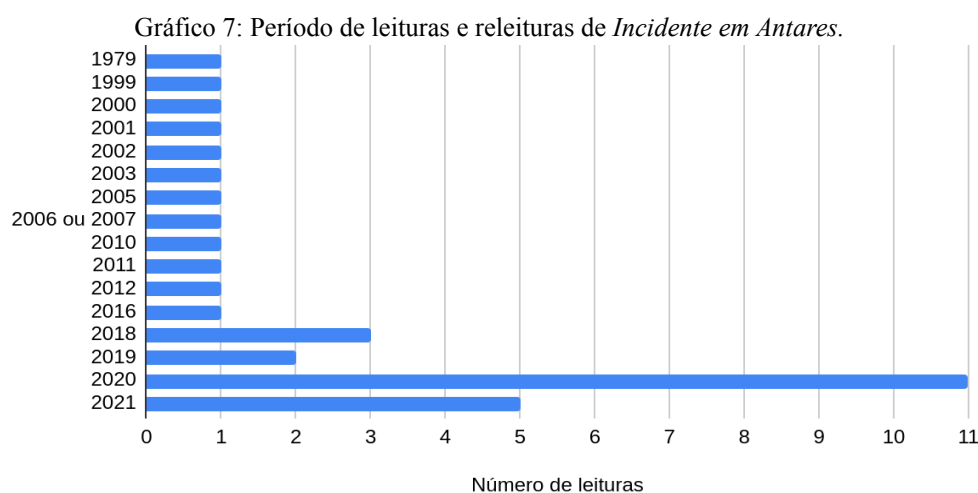
Também foi do meu interesse investigar se os participantes da pesquisa eram formados ou em formação nas áreas de História ou Letras. Como um dos meus objetivos é entender o recebimento do livro dentro de uma perspectiva histórica e literária, nada mais natural do que procurar um público não vindo dessa área de formação. A maioria dos entrevistados não faz parte desse grupo acadêmico:

Gráfico 6: Formação em cursos de graduação em História ou Letras entre leitores de *Incidente em Antares*.



Fonte: elaborado pelo autor.

Ainda averigui em qual ano o entrevistado leu o livro. Como encaminhei os formulários para os usuários que por último tinham redigido suas resenhas, meu pensamento inicial era que a leitura havia sido feita há pouco tempo, entretanto, não foi necessariamente o que aconteceu. Alguns dos entrevistados haviam lido o *Incidente* há mais tempo, postando a resenha posteriormente. Houve também pessoas que relataram releituras do livro, por isso no gráfico 7 constará um maior número de leituras do que de pesquisados. Para efeitos práticos, os casos de leitores que indicaram leituras no decurso de mais de um ano (“iniciei no final de 2020 e encerrei no início de 2021”), indiquei apenas com o ano final:

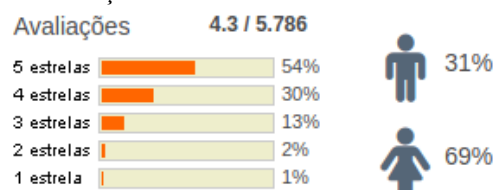


Fonte: elaborado pelo autor.

Diante desses dados, podemos concluir que o público presente na pesquisa se mostrou pouco diverso, sendo composto majoritariamente por mulheres brancas, com ensino superior, completo ou incompleto, e que não possuem formação completa ou em andamento, em áreas afins da História ou da Letras.

Não ficam claros os motivos que causam essa pequena diversidade na utilização e participação da pesquisa. As avaliações de *Incidente em Antares* na rede Skoob são, em sua maioria, feitas por mulheres, como a própria estatística do livro sugere:

Figura 1: Avaliações de *Incidente em Antares* e divisão do público leitor.



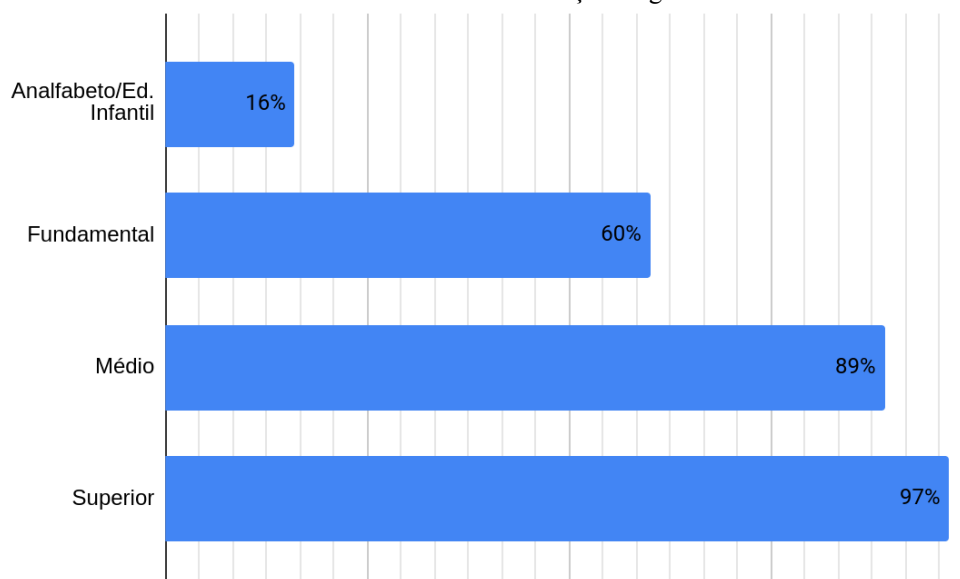
Fonte: Skoob⁶.

⁶ Estatística fornecida pelo próprio Skoob, disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/2015ED2684>. Total (na data de acesso) de 5786 avaliações, formando uma pontuação de 4.3 estrelas de 5 possíveis. Acesso em 06 de abril de 2021.

No entanto, para um maior aprofundamento nessa questão, seria necessária uma pesquisa que abordasse essa divisão dentro do site, o que não é o objetivo deste trabalho.

Quanto ao caráter de grau de escolaridade da pesquisa, podemos refletir utilizando os dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC). O CETIC realiza anualmente, desde 2005, a pesquisa TIC Domicílios, focada em analisar o acesso e uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) por pessoas com dez anos de idade ou mais, em áreas rurais e urbanas no Brasil. Os dados de 2019 mostram que o acesso à internet, no Brasil, é proporcional ao grau de instrução. Quase que a totalidade de indivíduos com ensino superior estão conectados:

Gráfico 8: Percentual de acesso à internet em relação ao grau de escolaridade formal.



Fonte: CETIC - TIC Domicílios 2019.

Desta maneira, a utilização da internet no Brasil ainda está associada ao nível de escolaridade, o que pode explicar, ainda que parcialmente, a predominância de estudantes de graduação ou de graduados entre as pessoas que aceitaram responder ao questionário.

Todos os participantes relataram que *Incidente em Antares* descreve parte da realidade histórica brasileira, e a maioria relatou pesquisar sobre história brasileira depois ou durante a leitura. De que maneiras isso pode ser compreendido a partir do ponto de vista de um historiador? A princípio, podemos supor que sim, a literatura aproxima o leitor do que Jörn Rüsen (2009, p. 172) chama de uma consciência histórica, que irá compor parte da cultura histórica de uma sociedade. Rüsen diz que, para entendermos cultura histórica, precisamos diferenciar consciência histórica e memória histórica, termos que, para ele, são bem parecidos. Podemos entender como consciência histórica os atos de reflexão e

desenvolvimento que fazemos ao escrever e contar História. Organizamos uma série de memórias, fontes, leituras e conhecimentos para chegarmos a uma consciência histórica. A consciência histórica reflete sobre como a História ajuda a pensarmos o presente e como queremos seguir no futuro, portanto, de certa maneira, é uma análise do passado em função do presente e do futuro (RÜSEN, 2009, p. 168). Todo indivíduo possui algum tipo de consciência histórica: ela é inata ao homem, que procura sempre uma forma de historicizar sua jornada. Portanto, com o passar do tempo ela pode ser melhor desenvolvida ou até alterada (CERRI, 2011, p. 29-30). Já a memória histórica é composta pelas múltiplas partes (pessoais, coletivas, e/ou geracionais) que permeiam o nosso cotidiano em acontecimentos ou em saberes: a política atual e recente, os problemas recorrentes, traumas e ações do indivíduo ou do grupo. A memória histórica aqui, não possui a necessidade de pautar o presente ou o futuro, mas de manter o passado que passou (RÜSEN, 2009, p. 165, 166, 168). Memória histórica e consciência histórica, entretanto, não são excludentes, pelo contrário, são manifestações que Rüsen considera complementares. Para Schmidt (2014, p. 32), afirma-se então que: “a cultura histórica é a própria memória histórica, exercida na e pela consciência histórica, a qual dá ao sujeito uma orientação temporal para a sua práxis vital, oferecendo uma direção para a atuação e autocompreensão de si mesmo”.

Nessa perspectiva, o formulário de pesquisa também obteve várias respostas indicando que, além do romance descrever parte da história gaúcha e brasileira, também representa muito da política brasileira atual. Um respondente afirma que: “É um livro atemporal e nunca foi tão atual a crítica de nossa política, girando assim como o livro entre o cômico e o dramático. Muitas vezes, na nossa atual situação, nem o cômico nem o trágico nos surpreendem mais”. Para Lowenthal (1998, p. 143), é natural que exista essa compreensão, pois a “percepção do passado inunda o presente”. Os leitores também afirmaram que gostam de literatura que trate da história por encontrarem novas formas de lidar e aprender com esse campo, “pois apresentam um olhar crítico sobre a época”, ou porque acabam “conhecendo um lugar, ou período, que dificilmente conheceriam de outro modo”. Esse tipo de pensamento, descobrir algo através da leitura, é o que defendem Monique Segré e Chantal Horellou-Lafarge em *Sociologia da Leitura*. A leitura é, de certa forma, um caminho para descobertas que, muitas vezes, tendem a esbarrar na censura e no autoritarismo:

A escrita pode ser subversiva, a leitura também, pois, em determinadas condições sociais, permite ao leitor compreender e interpretar o texto, descobrir suas nuances e significados até então ocultos. Com exceção daqueles de caráter estritamente técnico, ou os textos são objeto de leituras sempre renovadas, talvez perigosas. Em

todo o caso, imprevisíveis. É por isso que os mantenedores da ordem querem controlar as interpretações que os leitores, eternos insubmissos, dão. Essa vontade de controle efetuou-se, ao longo da história, com a violência e a repressão, concretizou-se na censura da parte das autoridades, quer representassem a Igreja, quer o Estado (2003, p. 16).

Levando em conta a diferenciação entre consciência e memória, temos que lembrar que a leitura atual do livro é diferente da leitura de quando o livro foi lançado. Erico Verissimo escreveu para o seu público em 1971. Certamente os leitores da época — que viveram muitos dos fatos do século XX até então, como Carlos Lacerda, por exemplo —, leram e compreenderam de uma forma diferente da nossa. Baseando-se nas respostas referentes à idade no questionário, apenas duas pessoas poderiam ter vivido a infância durante o lançamento do livro⁷, o restante, portanto, não possuiria memórias diretas do período relatado no livro, todo o seu conhecimento sobre isso desenvolve-se com e para uma consciência histórica, que também é reiterada pela leitura do *Incidente em Antares*.

A leitura dos críticos na década de 1970, então, é diferente da leitura dos leitores pesquisados atualmente, para além da dualidade comparativa entre críticos e leitores comuns: é também uma diferença temporal e conscientemente (e conseqüentemente) histórica. Para Lowenthal (1998, p. 73-74), de diversas maneiras nós conhecemos melhor o passado do que as próprias pessoas que o vivenciaram: “nós interpretamos o momento presente à medida que o vivemos, ao passo que ficamos fora do passado e observamos sua operação concluída, incluindo suas conseqüências agora conhecidas sobre o que seria então o futuro”.

Quando lemos o livro de Erico Verissimo também nos colocamos na posição de críticos. Conforme Roger Chartier (1998, p. 17), o advento da internet e das redes sociais amplificaram as vozes dos leitores. As resenhas do Skoob, por exemplo, servem como críticas para o trabalho do autor, aumentando a possibilidade de debates gerados a partir dela.

Diante dessas duas formas representativas de leitura de *Incidente em Antares*, tanto da crítica jornalística da década de 1970, quanto dos leitores que em uma plataforma digital atual postaram suas resenhas, podemos retomar Bourdieu :

A ideologia da obra de arte inesgotável, ou da "leitura" como recriação, mascara, pelo quase desvendamento que se observa com freqüência nas coisas da fé, que a obra é feita não duas vezes, mas cem vezes, mil vezes, por todos aqueles que se interessam por ela, que têm um interesse material ou simbólico em a ler, classificar, decifrar, comentar, reproduzir, criticar, combater, conhecer, possuir (1996, p. 198).

⁷ Faixa de idade entre 50 e 59 anos, portanto nascidas entre 1962 e 1971. Todos os demais participantes nasceram após 1972.

Ou seja, cada leitura, por cada crítico ou “leitor comum”, também faz parte da obra, também a “reescreve”. Os leitores e críticos dialogam com o texto e cumprem aqui, um papel vital na construção do valor simbólico da obra.

CAPÍTULO 2: HISTÓRIA E LITERATURA EM *INCIDENTE EM ANTARES*

2.1 A história narrada de Antares

É 11 de dezembro de 1963. Greve geral em Antares. O fornecimento de luz é interrompido, os telefones não funcionam mais, os coveiros encostam as pás. Dois dias depois, uma sexta-feira 13, sete pessoas morrem – entre elas, d. Quitéria, matriarca da cidadezinha –. Insepultos e indignados, os defuntos resolvem agir: querem ser enterrados. Reunidos no coreto, decidem empestear com sua podridão o ar da cidade. Enquanto ninguém os enterra, porém, resolvem acertar as contas com os vivos e passam a bisbilhotar e infernizar a vida dos familiares.

Esta é uma das sinopses do livro *Incidente em Antares*, presente na edição da editora Companhia das Letras, coleção Companhia de Bolso (2006). A curiosidade dela vem do fato de que a descrição se refere apenas à parte II do livro. Ou seja, a metade inicial da obra não é contemplada. O livro *Incidente em Antares* é dividido em duas partes. A parte II, intitulada de *O Incidente*, é onde ocorre o mote principal da narrativa que lemos na sinopse. Na parte I, por outro lado, nos é contado o nascimento da personagem Antares, a própria cidade. O conceito e a ideia de ler a cidade como personagem não é de minha autoria, mas do próprio Erico Verissimo, através do diário do professor Martim Francisco Terra: “A cidade mesma poderia ser uma ‘personagem’” (VERISSIMO, 2006, p. 162). De certa forma, essa parte inicial nos conta a história da cidade e as suas relações na história gaúcha e brasileira, as suas personalidades e os seus contatos com personagens da história real. Portanto, a primeira parte retrata uma versão de História muito mais conhecida pelo público, com datas, locais, pessoas ilustres e as suas repercussões. Ao mesmo tempo, a segunda parte toma uma via irônica e subjetiva para falar sobre o incidente com os mortos, tornando toda a situação uma forma velada e subjetiva de lidar com o trauma recente em relação ao lançamento do livro, gerado pelo golpe civil militar em 1964.

Em carta a Flávio Loureiro Chaves, amigo e crítico literário, datada de 27 de julho de 1970 em McLean nos EUA, o autor já apresentava a sua visão da cidade. Erico Verissimo compôs essa divisão entre as partes do livro já na sua escrita:

Amanhã fará um mês que estamos aqui. Me peguei de surpresa e quando dei por mim estava metido por inteiro no novo romance, INCIDENTE EM ANTARES. Não tenho perdido um dia de trabalho. Está portanto quebrado o sortilégio mau que exercia sobre mim o ambiente americano. Não olho para fora, estou em Antares, pouco acima de São Borja, à margem esquerda do Uruguay. Comecei no período pleistocênico, com os gliptodontes e os mastodontes, dei um pulo de mais de um milhão de anos, e caí em 1830, quando Antares era apenas o Povinho da Caveira, e depois vim vindo e acompanhando a formação das oligarquias locais, (passando pela) Guerra dos Farrapos, (e chegando) ao Jango Goulart. Nada disso estava projetado quando saí daí. E tudo isso foi feito com economia, e com o fim de

preparar o cenário, o palco e a comparsaria para o "indigente" (*juro que quis escrever Incidente). Dia primeiro de agosto começo a escrever a estória propriamente dita, para a qual tenho abundantes notas e já diálogos inteiros esboçados (VERISSIMO, 1970).

Aqui se vê que o próprio autor considerava a parte II como a “estória propriamente dita”.

Partindo desse princípio, no formulário de pesquisa apresentado no capítulo 1, indaguei aos leitores se viam as partes como livros separados e qual seria a sua parte favorita. As respostas recebidas foram mistas no sentido da apreciação de cada parte. Algumas pessoas lembraram também que *Incidente em Antares* foi adaptado como minissérie para a televisão em 1994, pela Rede Globo. Essa adaptação, segundo as respostas, compreendeu apenas a parte II: “Gosto muito da primeira parte. Meu primeiro contato foi por meio de uma série da rede Globo, que só abordou a segunda parte. Assim, quando eu li, a primeira parte me impressionou mais, pois era novidade para mim. As duas partes podem ser lidas como obras distintas (como disse, o seriado da Globo fez isso)”. Levando isso em conta, alguns afirmam que veem a segunda parte como um livro separado e que poderia ser lido individualmente, como vemos no seguinte exemplo: “[...] Entendo que a segunda parte funciona separado, mas o contexto completo ao ler a primeira parte torna a segunda melhor do que lida sozinha”. Para outro/a usuário/a, “[...] poderia ser um livro só da segunda parte” ou ainda “acho a primeira parte dispensável. não acho que a 1ª parte faria um bom livro separado”⁸. Podemos refletir sobre isso em relação às divisões das partes: caso a primeira metade fosse realmente um livro separado, ela não funcionaria por ser um livro de história ficcional da cidade?

Como já vimos, a gênese do livro se deu nos Estados Unidos, entretanto, conforme Bordini (2006, p. 276), um mês antes, ainda em Porto Alegre, o autor já havia esboçado a praça no centro da cidade de Antares. Ao desenhar a planta do centro onde ocorreria a cena principal do livro, Erico Verissimo prepara e cria uma história prévia da cidade. Como já descrito, em carta a Flávio Loureiro Chaves, Verissimo confirma que a escrita da parte I foi uma forma de conseguir ambientar o que se passa na segunda parte. O autor se preocupa em criar e revelar a história da cidade e das pessoas para justificar o seu texto. Podemos entender que o escritor fundamenta a importância da História para justificar a sua “estória” (SILVA, 2005, p. 192).

⁸ Todos os exemplos citados foram redações anônimas dos e das usuárias do Skoob que responderam o questionário.

Figura 2: Esboço do centro da cidade de Antares, desenhado por Erico Verissimo.



Fonte: Acervo do Centro Cultural CEEE Erico Verissimo.

Para Márcia Ivana de Lima e Silva, em seu artigo *O fantástico e a censura: Incidente em Antares de Erico Verissimo* (2005, p. 188), Verissimo fez essa composição da primeira metade de uma forma diferente do que estava acostumado, sobretudo quando analisamos o narrador ou, como a autora prefere aqui, o narrador-historiador. Em *O Tempo e o Vento*, Verissimo utiliza o narrador com uma perspectiva séria, mesmo que possua uma visão crítica sobre alguns pontos históricos. Para ela, "a História é tratada criticamente, mas fora do plano do discurso" (SILVA, 2005, p. 188). Com isso, Verissimo se aproximava de uma "História científica", mantendo o narrador na 3ª pessoa, e sem adjetivar as suas descrições. Diferentemente, em *Incidente em Antares*, Verissimo não percorre esses pontos. A narração, apinhada de opiniões e adjetivos, sem contar a variação entre vozes narrativas e tempos verbais, é considerada, aqui, uma paródia do que o autor fez em *O Tempo e o Vento* (SILVA, 2005, p. 189).

Para Silva,

Através do narrador-historiador, Verissimo alcança, ao mesmo tempo, a intratextualidade e a intertextualidade, dialogando com a sua própria obra, em especial com a trilogia, e com os textos de História. Esse diálogo se dá de forma inventiva, porque não reproduz o modelo, autenticando-o, mas o degrada, tornando-o risível (2005, p. 191).

Intertextualidade é um conceito cunhado por Julia Kristeva, que indica a relação entre textos. Para Kristeva (1974, p. 64 apud WALTY, 2009), "[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto". "Texto", aqui, toma um significado maior do que apenas o texto escrito, compreendendo tudo

que se envolve como criação cultural: música, filmes, literatura, tradição oral etc. (WALTY, 2009). Intratextualidade, por outro lado, são as relações e diálogos dentro de uma mesma obra, ou ainda, por um mesmo autor, pois ele “pode reler-se, utilizando-se de textos que ele mesmo escreveu, o que resulta numa espécie de intratextualidade” (WALTY, 2009). Importante destacar que, intertextualidade e intratextualidade acontecem tanto na escrita quanto na leitura. O escritor, com base no seu conhecimento e experiências, desenvolve o texto, mas a leitura por parte do leitor também é realizada com base nas suas próprias experiências e conhecimentos, o que pode agregar mais formas intertextuais à obra no seu recebimento (WALTY, 2009). No formulário de pesquisa desenvolvido, a maior parte dos leitores afirmaram já ter lido *O Tempo e o Vento*, mesmo que apenas a parte inicial, *O Continente*. Isso reforça que o público leitor participante possui e desenvolve, também, mais sentidos intertextuais próprios à sua leitura, gerando uma compreensão mais complexa da obra.

Para além do narrador, também podemos perceber o caráter, tanto intertextual quanto intratextual, de Verissimo no personagem do professor Martim Francisco Terra:

– E dizer-se que lhe corre nas veias o sangue dos Terras de Santa Fé! – suspirou o Pe. Gerônimo. – Um dia esse moço me visitou e eu lhe mostrei a árvore genealógica dos Terras Cambarás, fundadores de Santa Fé. O Prof. Martim Francisco vem a ser tataraneto de Horácio Terra, que em fins do século XVIII afastou-se do tronco da família, estabeleceu-se em Rio Pardo, casou-se com uma moça da vila e lá formou um forte e frutuoso ramo da árvore dos Terras. Conteí tudo isto ao professor e ele não me pareceu muito entusiasmado. Nunca ouviu falar na velha Ana Terra, que até hoje é venerada em Santa Fé, a cidade que ela ajudou a fundar. Era uma pioneira na acepção exata do termo, mulher corajosa, de virtudes altíssimas. Pois o nosso sociólogo ficou frio diante de tudo isso! (VERISSIMO, 2006, p. 153)

O professor Martim, linhagem direta da principal família da saga da trilogia, portanto, serve em diversos momentos como agregador das obras do autor. O próprio Erico Verissimo também se coloca na obra através do discurso do professor Martim em diálogo com dona Quitéria Campolargo, aumentando ainda mais o caráter intertextual e até irônico da situação:

– E o nosso Erico Verissimo?
 – Nosso? Pode ser seu, meu não é. Li um romance dele que fala a respeito do Rio Grande de antigamente. O Zózimo, meu falecido marido, costumava dizer que por esse livro se via que o autor não conhece direito a vida campeira, é “bicho de cidade”. Há uns anos o Verissimo andou por aqui, a convite dos estudantes, e fez uma conferência no teatro. Fui, porque o Zózimo insistiu. Não gostei, mas podia ter sido pior. Quem vê a cara séria desse homem não é capaz de imaginar as sujeiras e despautérios que ele bota nos livros dele.
 – A senhora diria que ele também é comunista?
 D. Quitéria, que mastigava uma broinha de milho – e mais que nunca parecia um pequinês – ficou pensativa por um instante.

– O Prof. Libindo costuma dizer que, em matéria de política, o Erico Verissimo é um inocente útil (VERISSIMO, 2006, p. 187).

Esse movimento de se colocar na história como uma pessoa pública, com o debate sobre o "ser comunista", tem sua importância, também, ao percebermos o momento ditatorial em que se vivia. Além disso, para Silva (2005, p. 193-194), a própria escolha de data para "o incidente", uma sexta-feira, 13 de dezembro de 1963, se dá em relação a isso. Cinco anos mais tarde, em 1968, também uma sexta-feira, 13 de dezembro, era assinado o AI-5.

2.2 A mistura histórica-literária de Verissimo

Neste romance as personagens e localidades imaginárias aparecem disfarçadas sob nomes fictícios, ao passo que as pessoas e os lugares que na realidade existem ou existiram, são designados pelos seus nomes verdadeiros (VERISSIMO, 2006, p. 6).

É com o trecho acima que Erico Verissimo inicia o *Incidente em Antares*, em sua nota do autor. A história conta com certos personagens reais mas, principalmente, perpassa por vários momentos históricos gaúchos, brasileiros e mundiais.

Em determinado momento do livro, Verissimo nos conta que:

Um dia, no princípio do verão de 1925, apareceu sorrateiro em Antares um membro da prestigiosa família Vargas, de São Borja. Chamava-se Getúlio, tinha quarenta e dois anos de idade, era bacharel em Direito e ocupava então uma cadeira de deputado na Câmara Federal, como representante do Partido Republicano de seu Estado. Homem sereno, de feições e maneiras agradáveis, sabia usar a cabeça com lúcida frieza e possuía qualidades carismáticas ainda não de todo reveladas plena e publicamente. Dizia pouco mas perguntava muito. Frio, solerte, sabia jogar com dois fatores importantes na vida: o tempo e as fraquezas humanas. Usou de artimanhas tais, que naquele dia conseguiu reunir Xisto Vacariano e Benjamim Campolargo na casa dum amigo comum, homem apolítico e geralmente benquisto na cidade.

[...]

– Quem governa o Brasil – prosseguiu Getúlio – são ora os mineiros ora os paulistas, a famosa fórmula “café com leite”. – Soltou uma risada. – Não é justo que o chimarrão tenha também a sua vez? (Verissimo, 2006, p. 47-49).

O trecho acima nunca ocorreu. Não existem relatos de que Getúlio Vargas tenha visitado os senhores Vacariano e Campolargo em Antares pelo óbvio motivo: apenas Getúlio Vargas realmente existiu. Tanto a cidade de Antares quanto Xisto Vacariano e Benjamin Campolargo são personagens fictícios criados por Erico Verissimo. A descrição de Vargas como “homem sereno, de feições e maneiras agradáveis”, e “frio, solerte”, é uma avaliação que não cabe ao historiador, está presente aqui para criar e ambientar o personagem Getúlio Vargas em *Incidente em Antares*. Verissimo de certa maneira “recria” um Getúlio como personagem ao inseri-lo em seu livro. No entanto, o Getúlio Vargas cumprindo seu mandato como deputado pelo Partido Republicano, bacharel em direito, e a política “café com leite”,

são referências reais e históricas na composição da narrativa. Há uma mistura do imaginário narrativo literário e do saber histórico de Erico Verissimo no excerto.

Retomando o contexto já citado de Lowenthal (1998, p. 73-74) que nós, no presente, conhecemos melhor o passado do que as próprias pessoas que o vivenciaram, por termos o todo histórico e as suas consequências imediatas dos fatos, podemos escalonar isso para a escrita de Verissimo. Em 1971, no lançamento de *Incidente em Antares*, o autor já conhecia e já vivenciara o “fato histórico” Getúlio Vargas. De certa forma, pela compreensão que temos de Lowenthal, Erico Verissimo, aqui, conhecia mais sobre o presente de 1925 do que as pessoas no presente daquele ano, incluindo o próprio Erico Verissimo de 1925. O autor, sabendo disso, incluiu no personagem Getúlio Vargas as características literárias já citadas (homem sereno, de feições e maneiras agradáveis...) justamente por estar na posição externa e posterior a 1925. O escritor cria o personagem real-fictício com base no que já aconteceu e também no que era senso popular sobre Getúlio. Além disso, carrega ao personagem aspirações maiores, como a queda da política “café com leite” da República Velha e a eventual presidência da República por algum político gaúcho. A “vez do chimarrão” chegou novamente (Hermes da Fonseca havia sido o primeiro gaúcho presidente em 1910) com o próprio Getúlio Vargas em 1930. Essas aspirações que Verissimo descreve só foram possíveis pelo fato do autor escrever o passado de 1925 no seu presente 1970. Para isso, o escritor passa diretamente pela memória histórica, tanto sua quanto coletiva, de quem foi Getúlio Vargas.

A memória é sempre do passado, pois marca um momento que já passou. É o desenvolvimento a partir de uma lembrança de algo ou de uma cena que já ocorreu, e justamente por isso se diferencia na imaginação, que é direcionada para o ficcional (REIS, 2010, p. 33). Apesar disso, a memória não está livre de alterações ou de esquecimentos, nem sempre correspondendo ou representando uma “verdade” do que “realmente aconteceu”.

Uma importante passagem em *Incidente em Antares*, quando pensamos em memória, é a *Operação Borracha*. A elite da cidade organiza uma comitiva com o objetivo de alterar a memória do que teria acontecido.

- Poderemos confiar sempre no testemunho de nossos sentidos? Devemos dar crédito ilimitado à nossa memória?
- Que vamos fazer, então? – perguntou o proprietário duma casa de jóias.
- Eis o que proponho – respondeu o amigo de Platão, Sócrates e outros filósofos da antiguidade. – Organizar uma campanha muito hábil, sutilíssima, no sentido de apagar esse fato não só dos anais de Antares como também da memória de seus habitantes. Sugiro (aqui entre nós) um nome para esse movimento: Operação Borracha.
- [...]
- Podemos contar com vários aliados nessa campanha, a saber: o tempo, que tem uma função de borracha e de água, pois aos poucos vai apagando e lavando tudo...

Um negociante de lãs, remexendo-se na sua cadeira, objetou :
– O diabo é que o tempo leva tempo para passar.
– Mas passa – replicou o professor. – Pensem ainda em outros aliados naturais: o Bom Senso Humano. Nenhuma pessoa em sã razão poderá aceitar o fato de que mortos em estado de putrefação pudessem mover-se, falar, pensar, ter memória... Em suma, temos a nosso favor não só a ciência como também a experiência humana. O mundo inteiro se negará a dar crédito a essa... essa lenda macabra! (VERISSIMO, 2006, p. 466-467).

Para esse personagem, portanto, a memória individual deveria ser apagada para formar uma memória coletiva “correta”.

Segundo Paul Ricoeur (2007 apud REIS, 2010, p. 39), esta é uma das formas de abuso da memória: é uma alteração ideológica, uma formação de uma memória “obrigada”. Com esse movimento, os habitantes de Antares são estimulados e orientados a organizarem uma memória individual que deve ser autorizada por essa elite para formar uma memória coletiva. Não é permitido que o indivíduo lembre do que “realmente ocorreu”, porque isso iria em oposição ao que os governantes da cidade querem. A memória se torna ideologizada para determinado objetivo, neste caso, para que os ataques e denúncias dos mortos sejam esquecidos. Esse objetivo se concretiza na história do livro: “Sete anos após aquela terrível sexta-feira 13 de dezembro de 1963, pode-se afirmar, sem risco de exagero, que Antares esqueceu o seu macabro incidente. Ou então sabe fingir muito bem” (VERISSIMO, 2006, p. 488). Desta forma, o movimento feito pela cidade é em oposição à memória, em direção a um esquecimento estratégico do que aconteceu (RICOEUR, 2007 apud REIS, 2010, p. 41).

Erico Verissimo, com isso, propõe ao leitor uma reflexão sobre a memória. Além de dialogar com a memória histórica, o autor faz com que o próprio leitor repense como a história vai sendo reconstruída. Verissimo introduz a dúvida do que é real e do que é construído, permitindo ao leitor a possibilidade de pensar criticamente sobre o seu próprio presente.

CAPÍTULO 3: CAMINHOS LITERÁRIOS PARA UM CONHECIMENTO HISTÓRICO

3.1 Ciências humanas em *Incidente em Antares*

- Mas isso é literatura e não sociologia! – exclamou o prof. Libindo.
- E literatura barata – acrescentou Lucas Faia. – Estilo indigente.
- E demagógico – disse o dr. Paiva (VERISSIMO, 2006, p. 150-151).

Em *Incidente em Antares*, Verissimo nos apresenta uma amostra de trabalho em ciências humanas em que podemos discutir as transformações, o papel dos profissionais, e a expectativa do público sobre a pesquisa acadêmica:

Que tipo de cidade era Antares e que espécie de gente a habitava e governava ao tempo em que ocorreu o macabro incidente que em breve se vai narrar? Os estudiosos talvez encontrem respostas satisfatórias a essas perguntas na obra intitulada *Anatomia duma Cidade Gaúcha de Fronteira*, da autoria dum grupo de professores e alunos do Centro de Pesquisas Sociais, da Universidade do Rio Grande do Sul, publicado em forma de livro em 1965 mas baseado, todo ele, em dados colhidos entre a segunda semana de fevereiro e meados de março de 1963. É que, embora a comunidade estudada apareça na monografia sob o nome imaginário de Ribeira, trata-se na realidade de Antares. Esse trabalho, que foi financiado pela Ford Foundation, teve como diretor e orientador o professor de Sociologia Martim Francisco Terra, da U.R.G.S., ajudado por um especialista em Ciências Políticas, um outro em Estatística e um terceiro em Economia. A equipe de pesquisadores era mista, num total de onze pessoas, em sua maioria alunos do último ano de Ciências Sociais, e contava com um “apêndice não acadêmico” – um fotógrafo profissional (VERISSIMO, 2006, p. 137).

A fantasiosa *Anatomia duma Cidade Gaúcha da Fronteira*, lançada em 1965 sob patrocínio privado, é um trabalho vinculado à Sociologia e não à História, mas mesmo assim podemos tentar compreendê-lo a partir da visão de como um trabalho de ciências humanas é retratado e avaliado dentro da história do livro.

Uma das pessoas que respondeu o questionário deste trabalho, ao dizer que o livro trata tanto da situação política no lançamento do livro em 1971, como também da atual, afirma que o livro:

retrata a "onda" conservadora que pairou (e ainda paira) sobre o país, mostrando uma cidade bem conservadora do Rio Grande do Sul, que um dos personagens diz ser o estado mais reacionário do Brasil, lá vemos os conflitos de interesses daqueles que estavam utilizando-se do poder ao seu favor com aqueles desfavorecidos, e vemos as hipocrisias daqueles que advocavam pela moral e não a seguiam em suas vidas pessoais, pintando um retrato do tipo de pensamento que levou ao golpe de 64.

Esse leitor, quando cita o “estado mais reacionário do Brasil”, faz referência à seguinte passagem de *Incidente em Antares*:

– Ó Mendes. Me faça o favor de ler o que está na página 340, na parte de cima. O secretário leu:

[...]

– “Um jovem estudante, filho de tradicional família do município, assim opina sobre a sua terra e a sua gente: ‘O Rio Grande do Sul é o Estado mais reacionário do Brasil, e Ribeira a cidade mais reacionária do Rio Grande do Sul. Tornamos a perguntar: ‘Refere-se só ao reacionarismo político?’. E o rapaz: ‘Não. Reacionarismo em tudo. Veneramos morbidamente um passado e uma tradição já mortos, se é que de fato um dia existiram mesmo, e somos incapazes de sair dos trilhos da rotina e erguer a cara para o sol do futuro’. Um outro declara: ‘Ainda se cultua entre nós o machismo como se mantivéssemos no Brasil o monopólio da coragem e da virilidade’”

O Dr. Paiva observou:

– Isso me cheira a frase inventada por um dos professores (VERISSIMO, 2006, p. 151-152).

Esse excerto traz a leitura do *Anatomia duma Cidade Gaúcha da Fronteira* pelo grupo dos “grandes homens” de Antares. Dele, podemos extrair algumas discussões sobre machismo, reacionarismo e sobre a gênese do tradicionalismo gaúcho. Essas discussões, apesar de necessárias, não são objeto de estudo deste trabalho. Entretanto, podemos analisá-lo justamente por ser a representação da leitura de um produto de origem acadêmica por um público não especializado.

Ao final do trecho, quando o Dr. Paiva diz “Isso me cheira a frase inventada por um dos professores” (VERISSIMO, 2006, p. 152), temos a tese muito difundida no senso comum de que professores universitários, principalmente das humanidades em geral, falsificam informações e, por consequência, doutrinam os alunos. Em outro trecho da mesma cena, os poderosos da cidade continuam:

– Afirmam esses senhores que o nosso clube é um “reduto fechado” do patriciado rural e da alta burguesia. Chegam a insinuar que somos racistas, que não aceitamos como sócios pessoas de cor nem judeus.

– O que é verdade – replicou Mendes. O prefeito franziu a testa para o seu secretário, censurando-o paternalmente pela sua intervenção infeliz.

– [...] Não há dúvida: esse tal Prof. Martim Francisco Terra é mesmo um laiaio de Moscou (VERISSIMO, 2006, p. 152-153).

Quando ocorre a denúncia dos problemas sociais, o professor é sempre responsabilizado como falsário, a “ameaça comunista”. Como se os males da sociedade fossem criados apenas no imaginário do professor. De certa forma, essa responsabilização também é uma forma de negacionismo. Uma negação da realidade frente ao problema social apresentado pelo profissional das ciências humanas.

Essa constante desvalorização do profissional das humanidades é sentido até os dias atuais. No Brasil, o investimento em ciência e pesquisa vem caindo sistematicamente a cada ano. O orçamento previsto para o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTI) é 34% menor em 2021 em relação ao ano anterior. Os cortes afetam, sobretudo, as ciências humanas, que sofrem ataques e tiveram uma redução na concessão de bolsas de pesquisa (THUSWOHL, 2021). Em 24 de março de 2020, uma portaria do MCTI excluiu do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a prioridade de projetos de ciências humanas até 2023 (SALDAÑA, 2020). Segundo o MCTI, os investimentos em educação precisam ser voltados para tecnologias e estudos que tragam um rápido retorno financeiro e social. Essa nova política de redução vem no momento em que diversos institutos federais sofrem intervenção: os reitores indicados pelo governo foram derrotados nas eleições internas de cada instituição (CERCA..., 2021). Para o governo brasileiro, a função da educação é para "leitura, escrita e fazer conta e depois um ofício que gere renda" (BORGES, 2019).

Isso pode ser percebido, por exemplo, na Reforma do Ensino Médio e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Existe a compreensão de que o currículo escolar serve como base para formação de determinado tipo de projeto de sociedade, e nesse sentido, a BNCC atua como uma reorientação da educação brasileira (BRANCO; ZANATTA, 2021, p. 59). A BNCC, tende a destacar uma forma de ensino voltada para o mercado de trabalho, em detrimento de uma educação voltada aos interesses da população e seus indivíduos (BRANCO; ZANATTA, 2021, p. 64). Essa discussão tem como maiores protagonistas justamente os empresários, levando em conta uma educação ideológica neoliberal, com pouquíssima participação de educadores (BRANCO; ZANATTA, 2021, p. 65). Esse projeto altera o foco educacional, trocando o conhecimento em si, por um ensino de competências e habilidades, com o objetivo de formar indivíduos que sejam mais adaptáveis e produtivos (BRANCO; ZANATTA, 2021, p. 70).

Essa busca por um "retorno financeiro" na educação não é exclusividade brasileira. Ela se dá por reflexo de uma competitividade entre países, que focam em perseguir uma hegemonia nacional. O investimento em áreas "estratégicas" procura avançar em inovações que geram uma maior rentabilidade econômica (SCHMIDT, 2018, p. 263). Para Rita Terezinha Schmidt, essa corrida pelo sucesso econômico industrial durante o século XX, traz uma visão utilitarista do que a universidade deve produzir como conhecimento (2018, p.

269-270). Busca-se que a academia construa um trabalho que seja "utilizável", o que pode ser subjetivo quando pensamos em ciências humanas.

Esse debate não é recente, e é suscitado também em *Incidente em Antares*. Na ficção do livro, em 1965, o professor Martim Francisco Terra conversa com seu aluno, Xisto Vacariano, sobre um artigo escrito pelo estudante. O ensaio, denominado de *A hora do tecnocrata*, defende que o Brasil necessita mais de cientistas de exatas e técnicos do que humanistas (VERISSIMO, 2006, p. 155-156). O professor, nesse ponto, faz uma defesa das ciências humanas, bem como uma comparação da tecnocracia com o nazismo:

– [...] Mas deixa também um lugarzinho na tua Sociedade Nova para os humanistas. A Filosofia não é tão inútil como parece. E o homem necessita de música, de poesia e – que diabo! – precisa também aprender a usar bem o lazer que um dia a ciência, ajudada pela técnica, lhe há de proporcionar. Em suma, a técnica nos fornece os meios. O humanismo nos orienta quanto aos fins. E não concebo humanismo sem ciência.

[...]

– Te dou um exemplo de muita tecnocracia e nenhum humanismo: Hitler e a sua camarilha, que causaram talvez a maior mortandade e destruição da História. Durante a era hitlerista os humanistas alemães emigraram. Os tecnocratas ficaram com as mãos e as patas livres (VERISSIMO, 2006, p. 156).

Essa defesa do humanismo, em contraste com o nazismo, é muito próxima da fala do próprio Erico Verissimo descrita no Capítulo 1. O autor colocava-se contra a censura imposta pelo regime militar, comparando-a com as que sofreram os alemães, e defendendo a liberdade de expressão das artes. Dessa maneira, Erico Verissimo colocava-se à frente dos debates públicos e políticos de seu tempo, como escritor e como intelectual. Ou, como descreve Bourdieu na sua caracterização de Émile Zola, "que, em nome das normas próprias do campo literário, intervém no campo político, constituindo-se, assim, como intelectual" (BOURDIEU, 1996, p. 150). Verissimo apoiava-se na grande popularidade com o público para marcar claramente a sua postura crítica.

A comparação com o nazismo não é absurda e nem extrema, e justifica-se quando pensamos nas consequências possíveis a uma sociedade sem investimento em ciências humanas. Para a filósofa Martha Nussbaum, em seu livro *Sem fins lucrativos: Por que a democracia precisa das humanidades* (2015), os cortes aos cursos de ciências humanas comprometem a democracia, formando cidadãos apenas como produtores econômicos robotizados que não refletem sobre a sua participação na sociedade (NUSSBAUM, 2015, p. 4).

Conforme Nussbaum, os jovens que entram em contato com uma educação humanista são mais dispostos a desenvolver empatia, pois percebem desde cedo que seus atos

causam consequências diretas e indiretas em outras pessoas. Eles entendem que fazem parte de uma sociedade e que os outros também são “seres independentes que têm direito à própria vida” (NUSSBAUM, 2015, p. 37).

As ciências humanas são fundamentais para a formulação de um pensamento crítico e individual, mas não individualista. Os estudos voltados para as humanidades ajudam o indivíduo a pensar por si próprio e desenvolvem um caráter empático na educação. Quando o aluno entende que outras pessoas possuem vivências, experiências, frustrações e traumas diferentes, compreende que o pensamento pode ser mais diversificado, e que opiniões divergentes são fundamentais em uma sociedade democrática.

Quando Todorov argumenta sobre crítica dialógica, como indicado no capítulo 1, fala também, mesmo que indiretamente, sobre essa divergência presente na democracia. A crítica só existe pela oposição de ideias. Para ele, quando concordamos plenamente com o escrito (o que é ótimo, mas que raramente acontece), não fazemos crítica, fazemos apologia, o que não gera debate algum (TODOROV, 2013, p. 250-251). Entretanto, devemos entender que existe um limite na discordância de ideias, divergir é diferente de impor e mandar.

Em determinado momento, quando a elite econômica de Antares está lendo o *Anatomia duma Cidade Gaúcha da Fronteira*, o personagem do professor Libindo ataca enfaticamente: “mas isso é literatura e não sociologia!” (VERISSIMO, 2006, p. 150). O personagem aqui, não tenta dialogar com a obra, ele coloca uma postura mandatória ao trabalho acadêmico. Libindo se utiliza de uma ideia de literatura, de ficção, como invenção, em contraposição à noção de verdade vinculada à sociologia. Embora ele faça um movimento de crítica, a sua intenção aqui não é democrática, é uma tentativa de impor limites para o que o profissional de ciências humanas pode ou não pode escrever sobre a sua cidade, limites que são dados pelo que se pode ou não, na concepção do personagem, pensar como verdade. Como se o fato dele discordar da análise sociológica publicada lhe garantisse o direito de afirmar que ela era falsa, ilusória. É uma fala que, ao jogar com as categorias de ficção e de verdade, vai no sentido de interromper e invalidar o trabalho do pesquisador.

3.2 Transformando uma compreensão narrativa em compreensão histórica

- Estamos no mapa do mundo! Estamos na História!
- Mas a que preço! – lamenta o promotor público (VERISSIMO, 2006, p. 322).

No formulário desenvolvido, pergunto com qual personagem o leitor mais havia se identificado⁹, as respostas se mostraram variadas mas com uma coisa em comum para muitas: as pessoas se identificam com personagens mesmo que não concordem com os seus atos. Mesmo que pareça contraditório, as pessoas se conectam com personagens que muitas vezes são tidos como vilões ou como antagonistas aos personagens “do bem”. Para Andreea Deciu Ritivoi :

As narrativas conseguem fomentar uma compreensão não apenas dos personagens que são ou que parecem ser como nós, mas também, e mais importante, daqueles que em nada se parecem conosco. A empatia pode emergir de uma melhor compreensão das experiências, e não da identificação com um personagem que se encontra em uma situação familiar (2018, p. 17).

Ou seja, o leitor não só “quebra” aquele algoritmo antiplural, visto no capítulo 1, das “bolhas” da internet (PARISER, 2012 apud CÂMARA; BENICIO, 2017, p. 48), como também consegue fazer um trabalho de reflexão sobre o que está lendo e sobre quem está lendo. Para Richard Rorty (1989 apud RITIVOI, 2018, p. 22-23), quando uma narrativa demonstra que outras pessoas sofrem de maneiras muitas vezes similares a nós mesmos, nos dispomos a entender e a remediar esse sofrimento. Para os leitores, os personagens mais passíveis de identificação são justamente aqueles que denunciam os escândalos e problemas, tanto políticos quanto sociais, da sociedade, sejam vivos ou mortos. Um exemplo disso é a personagem Quitéria Campolargo, uma daquelas com as quais mais leitores se identificam, de acordo com as respostas dadas no questionário. Alguns leitores relataram que só se identificam com ela depois de morta: “Acho que me identifiquei com a Quitéria, mas só quando ela já está morta. Antes disso ela era bem esnobe e elitista”. O ponto que faz essa alteração na compreensão dessa personagem não é a sua morte em si, mas a sua mudança de visão de mundo após presenciar que, mesmo sem ter sido enterrada, suas filhas e genros já brigavam pela divisão das suas jóias, além da sua reação à cena presenciada:

– O mau cheiro – diz a velha Quita – é muito do meu cadáver, mas é mais dos pensamentos de vocês, seus trapaceiros ordinários! Pedi para ser enterrada com estas jóias e vocês não cumpriram a minha ordem. Faz tempo que estou ouvindo essa discussão indigna, ali atrás da porta. Ninguém até agora teve para comigo nenhuma

⁹ “Com qual personagem você mais se identificou? Caso não lembre o nome, pode apenas descrevê-lo”, ver Apêndice A.

palavra de respeito, de carinho ou de saudade. Está todo mundo com o sentido no meu testamento.

[...]

A defunta aproxima-se da mesa e vai pondo as jóias uma a uma dentro do escrínio, depois põe a caixa debaixo do braço, dirige-se para o lavabo social, despeja todo o seu conteúdo no vaso sanitário, puxa a corrente da descarga, longamente, muitas vezes, depois volta para a sala e exclama:

– Pronto! A divisão está feita. O Rio Uruguai herdou as minhas jóias (VERISSIMO, 2006, p. 276-277).

Nenhum leitor pode afirmar que se identifica com ela por já ter passado por essa situação, pois a cena compõe o cenário do mágico na história: é uma morta que retornou na impossibilidade de ser enterrada. Entretanto, ter seus pedidos negados e, de certa forma, ser esquecida tão rapidamente após sua morte, dá ao leitor a sensação de proximidade com dona Quitéria. Aqui, o desrespeito dos parentes por não obedecerem às ordens da falecida matriarca, além de brigarem tão rapidamente depois de sua morte, cria no leitor um sentimento de empatia. O medo de ser “esquecido” após a morte é algo comum entre muitas pessoas. A narrativa aproxima o leitor de uma personagem que, até então, nada possuía de admirável, tornando-a mais complexa e “real”. Os leitores são “obrigados” a entender essa personagem por outro lado, por um outro viés, garantindo-lhes uma visão mais plural da situação.

Para Ritivoi (2018, p. 49), essas compreensões empáticas da narrativa podem servir como “ferramentas”, permitindo ao leitor uma interpretação e uma leitura diferente da qual ele está inserido, tornando-se “modos de experienciar uma vida”. Essa compreensão, para Ritivoi, vai além do conceito de “ver o mundo pelos olhos do outro”, mas compreende, sobretudo, o fato de “adquirirmos conhecimento de experiências que nunca tivemos e talvez nunca venhamos a ter, e que nós compreendemos o significado que elas possuem para uma pessoa em particular” (2008, p. 51). É, de certa forma, o próprio conceito de empatia que retiramos da nossa leitura e a convertemos em experiência. Antonio Candido já afirmava que a “literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p.182, 2011). Para Yolanda Reyes (2012, p. 28), a valorização da literatura se dá justamente por esse motivo: a leitura nos torna mais solidários aos sentimentos dos outros e, ao mesmo tempo, aos nossos próprios sentimentos. Aqui, a literatura atua como prevê Nussbaum (2015), nos fazendo compreender personagens diferentes de nós, tendo empatia por eles. De certa maneira, codificamos sentimentos e experiências da vida real através dos momentos empáticos do imaginário. A leitura de *Incidente em Antares* — assim como de outros livros —, nos aproxima de situações e limites que não passamos constantemente na realidade (morte,

torturas, traição, repressão), criando uma conexão entre o ler e o sentir, compreender e vivenciar.

Ao fazermos essa conexão empática, também fazemos um movimento de pensamento histórico. Segundo Ritivoi,

Interpretar a experiência de uma outra pessoa relacionando-a à nossa pressupõe a capacidade de situarmos tanto a nós mesmos quanto ao outro em uma perspectiva histórica e de termos ciência do momento presente em relação ao passado e ao futuro. A compreensão narrativa é, desse modo, uma forma de conhecimento histórico, de ter condição de projetar o futuro ao mesmo tempo em que se rememora o passado (2018, p. 58).

Desse modo, a empatia criada pelas situações e pelos personagens do livro se torna uma das formas pelas quais o leitor compõe uma consciência histórica e que se desenvolverá em uma memória e em uma cultura histórica.

Conforme Ritivoi, quando identificamos um indivíduo no meio de um grupo que sofre uma violência, essa empatia pode ser ainda mais poderosa (2018, p. 31). Erico Verissimo faz um movimento muito significativo nesse sentido quando introduz o personagem João Paz:

– Este é o João Paz, jovem inteligente e idealista. Levou muito a sério o sobrenome e tornou-se um pacifista ardoroso. Organizou em Antares um comício contra a participação dos Estados Unidos na tentativa de invasão de Cuba. A polícia dissolveu-o a pauladas. Joãozinho foi preso, passou uma semana na cadeia, foi solto... tornou a ser preso. Bom, é uma estória muito comprida.
 – De que morreu? – indaga D. Quita.
 – De embolia pulmonar, no Salvator Mundi.
 – Mentira! – brada João Paz. – Fui torturado e assassinado na cadeia municipal pelos carrascos do delegado Inocêncio Pigarço! (VERISSIMO, 2006, p. 246).

João Paz é mais um personagem fictício do livro, mas podemos afirmar categoricamente que existiram centenas de pessoas como ele. A Comissão Nacional da Verdade (CNV), apurou que entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988, houve 434 mortos ou desaparecidos políticos no Brasil. A CNV publicou o perfil de cada um desses indivíduos no terceiro volume do seu relatório, apresentado em 2014 (BRASIL, 2014).

O personagem João Paz também foi um dos personagens mais lembrados pelos participantes da pesquisa no quesito identificação. João Paz e D. Quitéria são personagens muito diferentes, com visões e classes sociais opostas, e mesmo assim, ambos criam um sentimento de empatia no leitor. Outro participante do questionário pontua que: “li já faz algum tempo então não lembro de personagens em específico, mas recordo bem que as partes que me causavam identificação eram relacionadas com os personagens que levantavam críticas àquela sociedade”. Ou seja, na visão dos leitores, a identificação se dá à medida em

que os personagens reagem ao mundo e a sociedade. Ao criticar e denunciar os males da cidade, D. Quitéria, João Paz, Martim Terra, e tantos outros citados, tornam-se relacionáveis também com a realidade.

Verissimo faz esse movimento tentando relacionar seus personagens ao mundo real. O autor relembra em muitas circunstâncias as torturas sofridas por João Paz:

Barcelona chama a atenção de D. Quitéria para os sinais de tortura que João Paz tem em todo o corpo:

– Veja como trabalha a sua polícia, dona. Está se vendo que o delegado Inocêncio aproveitou bem a sua “bolsa de estudos” com a polícia do Estado Novo (VERISSIMO, 2018, p. 262).

Além disso, o autor introduz a família do personagem, quando Rita, a esposa grávida de João, descreve seus momentos presa e ameaçada:

– Mas eles não acreditaram. Repetiram a pergunta. Jurei por Deus que não sabia. E então aqueles animais ameaçaram de me torturar... enfiar agulhas debaixo das minhas unhas... Um deles chegou a dizer que, se eu não falasse, eles me entregariam nua aos soldados da guarda... Por fim um outro gritou: “Se você não confessa nós vamos pisar nessa tua barriga, cadelinha, e matar o teu filho...” E então... eu... eu confessei!

[...]

– Perdoa, Joãozinho... Eu estava apavorada. Pensei no meu filho e comecei a dizer nomes... os primeiros que me vinham à cabeça... nomes de companheiros nossos...

[...]

– Espera! Quero ser sincera até ao fim. Eu podia dizer que foi só pensando na vida de meu filho que fraquejei. Não. Foi pensando também na minha própria carne. Tenho horror ao sofrimento físico. Confessei porque sou covarde. Depois que me soltaram, ouvi dizer que todas as pessoas que eu havia denunciado estavam presas. Fiquei horas sozinha ali naquela cadeira, pensando nelas, no que podiam estar sofrendo por minha causa. Se não me matei... depois de tudo isso e depois que me contaram da tua morte... se não me matei foi ainda por covardia (VERISSIMO, 2006, p. 306-307).

A tortura de Rita é uma descrição pesada na narrativa fictícia, mas está longe de ser irreal. Novamente o leitor é levado a imaginar as circunstâncias e a dor da personagem, o seu sofrimento nos leva imediatamente a um sentimento empático que é verdadeiro. Rita e João Paz são fictícios, mas a compreensão que temos deles não. É como se Verissimo personificasse as 434 pessoas, desaparecidas ou mortas, nesses dois personagens. O movimento de empatia que fazemos nesse momento é claramente em direção a uma consciência histórica. Como Ritivoi coloca, “a empatia nos faz sentir que conhecemos todas essas vítimas” (2018, p. 31).

Quando pensamos apenas no número de perseguidos e mortos, eles se tornam apenas uma estatística. Renegamos a dor e o sofrimento de suas famílias e fazemos um movimento de esquecimento da sua memória. Como vimos ao final do Capítulo 2, o esquecimento é o

oposto da memória, mas é também uma escolha. Se escolhemos esquecer esse momento e esses perseguidos, podemos incorrer na repetição do que já passou.

A leitura de *Incidente em Antares* cria no leitor um sentimento difícil de ser ignorado. A narrativa, aqui, transpõe a barreira da ficção, nos fazendo compreender as pessoas como pessoas. A literatura, por intermédio da empatia, faz um processo de conscientização histórica no leitor, que permanecerá com a memória desses perseguidos políticos, formando uma cultura histórica desse período. A identificação desses indivíduos retoma o seu caráter pessoal: eram como nós, sofriam, se divertiam, pensavam, e tinham relações familiares, amorosas e de amizade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Que importância pode ter um livro? – perguntou.
- Andei folheando essa droga. Não entendi nem a metade do que eles escreveram aí... Essas tabelas, esses números, essas palavras arrevesadas são de morte. Quem é que vai ler essa bosta? (VERISSIMO, 2006, p. 148).

Para Roger Chartier (1998, p. 154), um livro não existe sem o leitor. Ou melhor, o livro como objeto físico continua existindo, mas a sua função de existência, que se dá justamente na leitura, se perde.

Quando lemos um livro de ficção, podemos até não perceber, mas fazemos muitos movimentos e conexões com a realidade. Não se pode enumerar as relações que fazemos entre literatura e aspectos da vida. Assim como cada leitura é única, podemos associar que cada leitor tem a sua própria visão do livro, o que torna difícil configurar a maneira de cada um ler.

Mesmo assim, a contextualização de *Incidente em Antares* em seu momento de criação ajudou a compreender um pouco melhor essas associações entre leitura e recebimento. A relação de Erico Verissimo com a crítica especializada nem sempre se mostrou das mais cordiais, mesmo assim, o autor foi um campeão de vendas, tendo uma grande popularidade como escritor. O sucesso com o público manteve Verissimo como um dos poucos autores que viviam da própria escrita, além de garantir a possibilidade de driblar a censura de sua obra.

Erico Verissimo, com seu livro, atua na proposição de reflexões para o leitor. A narrativa da história impõe a quem esteja lendo que se pense sobre assuntos que superam os limites do livro. O leitor navega numa intertextualidade entre histórias e com a História. Dessa maneira, o livro se apresenta como um objeto que faz um movimento de busca do conhecimento: o leitor se mostra interessado em entender o que está lendo, para isso, procura pesquisar e contextualizar historicamente sua leitura, como visto na pesquisa desenvolvida neste trabalho.

A leitura de *Incidente em Antares*, bem como de outros livros ou produtos culturais, possui a capacidade de gerar em seu leitor movimentos em prol da sociedade. A compreensão da leitura atua como ferramenta para a criação de uma visão mais plural e empática. Assim como as ciências humanas fortalecem um sistema democrático, garantindo a formação de cidadãos críticos e conscientes de uma vivência em grupo, a literatura pode auxiliar na formação de pessoas mais interessadas e prestativas aos problemas do outro. Mais do que garantir apenas auxílio a quem necessita, precisamos formar indivíduos que compreendam os motivos e contextos que levam às situações de necessidade em que as pessoas se encontram.

As redes sociais são importantes ferramentas que não podemos mais ignorar, mas temos que ter o discernimento para o seu uso. A maneira como são construídos e constituídos os algoritmos de busca, podem propiciar buracos numa compreensão democrática. É vital que saibamos melhorar esses meios, para que a internet se torne um ambiente não que divida, mas que una e que possibilite o diálogo entre os diversos interlocutores de uma sociedade democrática. Os livros, sejam eles físicos ou digitais, podem contribuir muito para uma melhor relação entre pessoas nas redes.

Há muito tempo a literatura deixou de ser um estigma no ofício do historiador, se mostrando cada vez mais como um grande auxílio para esse profissional. Cabe ao historiador o papel de mediação nessas relações: a literatura pode, e deve, ser associada a uma defesa da memória, mas deve ser feita com responsabilidade e com a construção conjunta de uma interação entre o público leitor e o historiador. Literatura e história possuem a possibilidade de se complementarem na formação e para um aprendizado histórico de um cidadão. Erico Verissimo, ao misturar História e ficção, fez isso. Apropriando-se das vozes dos personagens, o autor denunciava e expunha os problemas e crimes do governo civil-militar da época, marcando seu ideal humanista contra o regime, e nos fazendo entender a condição dos seus personagens. Devemos lembrar, no entanto, que Erico não sofreu essas violências que descreve, pois sua popularidade o manteve fora da perseguição política do período. Ele escreve a partir de experiências que não são suas, mas que são reais.

A literatura pode criar no leitor um entendimento de empatia que, por sua vez, pode fazer o trabalho de contextualização e geração de uma consciência em função de uma cultura histórica. Nesse sentido, como visto neste trabalho, o leitor cria um movimento de transformação da sua compreensão narrativa para uma compreensão histórica mais ampla. Podemos, com isso, pensar que o potencial da cultura é gigantesco no papel de formação do cidadão. Para além do senso comum de que “ler faz bem” ou de que “cultura é apenas encontrada nos livros”, a leitura pode ajudar a contribuir para uma sociedade mais democrática e plural. Este trabalho analisou um livro, mas essa contextualização para formação de uma consciência histórica pode ser pensada para qualquer formato de produção cultural.

Nas últimas eleições no Brasil, houve um movimento maciço de pessoas levando livros para o local de votação. Existe, portanto, um senso de que livros realmente podem fazer a diferença. Mas mais do que isso, existe o entendimento de que não é apenas com um ensino voltado para a formação profissional que se faz uma sociedade, pois não há democracia sem

pensamento crítico. Como visto, Erico Verissimo introduz debates muito importantes com *Incidente em Antares*, gerando ao leitor uma conscientização histórica e possibilitando uma compreensão mais humana de sociedade. Desta forma, a sua leitura cumpre o que o autor argentino Julio Cortázar (1980 apud MOURÃO, 1984) declarava sobre os livros: “Aos olhos de tantas ditaduras latino-americanas, todo livro, enquanto livro, seja ele qual for, é suspeito. E os leitores do livro o são ainda mais, pois ler um livro é sempre, por assim dizer, botar o dedo no gatilho”.

LISTA DE FONTES

LIVROS

VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Incidente em Antares**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Coleção Companhia de Bolso.

CARTAS

VERISSIMO, Erico. **[Correspondência]**. Destinatário: Flávio Loureiro Chaves. McLean, 27 de julho de 1970. Carta de duas páginas.

JORNAIS E REVISTAS

GUERRA, José Augusto. Do Permanente e do Incidental, de fantoches a Antares: a ficção de Erico Verissimo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 de março de 1973.

LACERDA, Carlos. Os Fantasmas de Erico Verissimo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1971.

MARZOLA, Norma. Érico Veríssimo falou e disse. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1026, p. 38-47, 18 dez. 1971.

RIBEIRO, Leo Gilson. O solista Érico Veríssimo: um corajoso solo de dignidade. **Veja**, São Paulo, n. 282, p. 52-60, 30 jan. 1974.

TOTTI, Paulo. “Um País em Julgamento”, in **Veja**. nº 167, São Paulo, 17/nov./1971

VERBETES

KELLER, Vilma. **Carlos Frederico Werneck De Lacerda**. In: CPDOC, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Disponível em:
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-werneck-de-lacerda>. Acesso em 06 de abril de 2021.

BRANDI, Paulo. **Getúlio Dornelles Vargas**. In: CPDOC, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Disponível em:
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas>. Acesso em 06 de abril de 2021.

WALTY, Ivete. **Intertextualidade**. In: E-DICIONÁRIO de termos literários de Carlos Ceia. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2009. Disponível em:
<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/intertextualidade>. Acesso em 06 de abril de 2021.

RELATÓRIOS E NOTAS

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Mortos e desaparecidos políticos. Brasília: CNV, 2014. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 3). Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf. Acesso em 16 de abril de 2021.

CETIC. **TIC Domicílios 2019**: Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros. 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em 16 de abril de 2021.

INPPDH. **Possível Configuração de Crime Contra a Humanidade e de Crime de Genocídio pelo Presidente da República**. Campinas: 2021. – (Nota Técnica). Disponível em: https://a8aaa9e1-7e7a-40b4-a52d-2d1af25a4299.filesusr.com/ugd/f4e22d_24d5c783829149f59f67e336603b9a11.pdf. Acesso em 02 de maio de 2021.

OAB. Comissão Especial para Análise e Sugestões de Medidas ao Enfrentamento da Pandemia do Coronavírus. **Estruturas de Responsabilização Criminal do Presidente da República**. 2021. - (Parecer). Disponível em: <https://s.oab.org.br/arquivos/2021/04/38a7e5c2-a16f-4aa6-8965-570b8d26efd9.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2021.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de. Os limites entre a História e a Ficção. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 9, n. 22, p. 202-213, 2016.
- BORDINI, Maria da Glória. Incidente em Antares: a circulação da literatura em tempos difíceis. **Revista Usp**, São Paulo, n. 68, p. 274-281, fev. 2006.
- BORGES, Helena. **Bolsonaro defende cortes em cursos de Humanas e diz que dinheiro do contribuinte deve ir para 'leitura, escrita e fazer conta'**. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-cortes-em-cursos-de-humanas-diz-que-dinheiro-do-contribuinte-deve-ir-para-leitura-escrita-fazer-conta-23623980>. Acesso em: 09 abr. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRANCO, Emerson Pereira; ZANATTA, Shalimar Calegari. BNCC e Reforma do Ensino Médio: implicações no ensino de Ciências e na formação do professor. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 4, n. 3, p. 58-77, 3 mar. 2021.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História Digital: Reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de Caqdas na reelaboração da Pesquisa Histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, 2020.
- BRASIL passa de 380 mil mortes por Covid: mais de 3 mil delas foram registradas nas últimas 24 horas. **G1**, 21 de abr. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/21/brasil-passa-de-380-mil-morte-s-por-covid-mais-de-3-mil-delas-foram-registradas-nas-ultimas-24-horas.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2021.
- CÂMARA, Sérgio Antonio; BENICIO, Milla. História Digital: entre as promessas e armadilhas da sociedade informacional. **Revista Observatório**, Palmas v. 3, n. 5, p. 38-56, ago. 2017.
- CANDIDO, Antonio. **Brigada Ligeira**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- _____. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CERCA de 20 instituições federais de ensino estão sob intervenção no país. **Andes**, 2021. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/cerca-de-20-instituicoes-federais-de-ensino-estao-sob-intervencao-no-pais1>. Acesso em: 09 abr. 2021.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

_____. Figuras retóricas e representações históricas (Quatro questões a Hayden White). In: _____. **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O Historiador e as suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-91.

FLORES, Amanda Luiza Mattje. “**Num País Totalitário Este Livro Seria Proibido**”: considerações sobre a censura aos livros na ditadura civil-militar a partir do caso de Incidente em Antares, de Erico Verissimo (1971). TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

GHEDIN, Rodrigo. **Skoob: rede social brasileira de livros**. 2010. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/38810/skoob-rede-social-brasileira-de-livros/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

GROOT, Jerome de. **Consuming History: historians and heritage in contemporary popular culture**. Abingdon: Routledge, 2009.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, p. 63-201, nov. 1998.

MOURÃO, Geraldo Mello. Cortázar: ler um livro é sempre botar o dedo no gatilho. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-24, 1984. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/6/20/cortaacutezar-ler-um-livro-eacute-sempre-botar-o-dedo-no-gatilho>. Acesso em: 20 abr. 2021.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2015.

PARISER, Eli. **O filtro invisível – O que a internet está escondendo de você**. Editora Zahar, 2012.

REIMÃO, Sandra Lucia Amaral de Assis. "Proíbo a publicação e circulação...": censura a livros na ditadura militar. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, jan. 2014.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

REYES, Yolanda. **Ler e Brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

RITIVOI, Andreea Deciu. **Empatia, Intersubjetividade e compreensão narrativa: Lendo as histórias, lendo as vidas (dos outros)**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

RORTY, Richard. **Contingency, Irony, and Solidarity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**, v. 2, n. 2, p. 163–209, 2009.

SALDAÑA, Paulo. **Em meio a pandemia, governo Bolsonaro investe contra pesquisa em ciências humanas**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/03/em-meio-a-pandemia-governo-bolsonaro-investe-contr-pesquisa-em-ciencias-humanas.shtml>. Acesso em: 09 abr. 2021.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. O projeto literário de Erico Verissimo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 44, p. 331-363, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO).

_____. A Crítica Literária dos Anos 40 e a Autocrítica de Érico Verissimo. **Literatura em Debate**, [s. l], v. 13, n. 24, p. 100-115, jan. 2019.

SANTOS, Pedro Brum. História e sociedade na ficção de Erico Verissimo. In: VELLOSO, Luiz Roberto; MOREIRA, Maria Eunice (org.). **Questões de crítica e de historiografia literária**. Porto Alegre: Nova Prova, 2006. p. 69-107.

SILVA, Márcia Ivana Lima e. O fantástico e a censura: Incidente em Antares de Érico Verissimo. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da Ufrgs, Porto Alegre, v. 19, n. 38-39, p. 187-204, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cultura Histórica E Aprendizagem Histórica. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, jan./jun. 2014

SCHMIDT, Rita Terezinha. Cultura Científica: questões de marginalização, legitimação e avaliação das humanas. In: DALCASTAGNÉ, Regina; LICARIÃO, Berttoni; NAKAGOME, Patrícia. **Literatura e Resistência**. Porto Alegre: Zouk, 2018. p. 263-279.

TELLES, Helyom Viana. História Digital, Sociologia Digital e Humanidades Digitais: Algumas questões metodológicas. **Revista Observatório**, v. 3, n. 5, p. 74–101, 2017.

THUSWOHL, Maurício. **A ciência no Brasil está a beira do colapso, avalia ex-ministro**. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-ciencia-no-brasil-esta-a-beira-do-colapso-avalia-ex-ministro/>. Acesso em: 09 abr. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Crítica da crítica**: um romance de aprendizagem. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel. **História De Um Sucesso Literário**: Olhai Os Lírios Do Campo De Erico Verissimo. Porto Alegre: Literalis, 2003.

VECCHI, Roberto. A impossível memória de Araguaia: um patrimônio sem memorial?. In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo César (org.). **Literatura e Ditadura**. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 45-58.

VENTURA, Zuenir. **1968 O ano que não terminou**. A aventura de uma geração. 17 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ZAAGSMABMGN, Gerben. On Digital History. **Low Countries Historical Review**, vol. 128-4, 2013, p. 3-29.

APÊNDICE A - Formulário de Pesquisa



Incidente em Antares e o estudo da História

Olá! Esse formulário foi desenvolvido como parte do trabalho de conclusão de curso em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O trabalho tem como objetivo entender as formas de recepção e compreensão da História por meio da obra literária Incidente em Antares de Érico Veríssimo.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

A pesquisa leva, em média, apenas 10 (dez) minutos para ser preenchida. O respondente pode desistir de participar da pesquisa em qualquer momento e não existem riscos de saúde para o seu preenchimento.

A participação não implica em nenhum tipo de remuneração ou compensação financeira.

O questionário tem a finalidade apenas de realização da pesquisa. Quaisquer dados pessoais não serão divulgados. Não será requisitado nenhuma forma de identificação obrigatória, e o e-mail ao final é de preenchimento opcional.

Para mais informações ou dúvidas, por favor me envie um e-mail antes do preenchimento: carlosemuller92@gmail.com

Você autoriza a utilização de suas respostas anônimas para a realização da pesquisa acima descrita?

Sim

Não

Próxima  Página 1 de 5

Incidente em Antares e o estudo da História

*Obrigatório

Dados sociodemográficos

Qual a sua idade? *

Escolher ▼

Voltar

Próxima

Página 2 de 5

Em que ano você leu o livro Incidente em Antares? Pode ser uma data aproximada, caso não lembre com precisão. *

Sua resposta _____

Em qual cidade/estado você vive? *

Sua resposta _____

Como você define sua identidade de gênero?

Sua resposta _____

Como você se define em termos étnico-raciais?

Sua resposta _____


Você se interessa por História? *

Sim

Não

Você possui alguma formação (concluída ou em andamento) nas áreas de Letras ou História? Qual? *

Sua resposta _____

[Voltar](#) [Próxima](#)  Página 3 de 5

Sobre Literatura e História:

De modo geral, você se interessa por romances históricos ou que retratam alguma época específica? Se quiser, pode contar mais sobre isso. *

Sua resposta _____

Caso tenha dito que sim na pergunta anterior, qual/quais romance(s) histórico(s) leu ou qual é o seu favorito?

Sua resposta _____

Em sua opinião, Incidente em Antares é um romance histórico? Por quê? *

Sua resposta _____

O livro se divide em duas partes: a primeira sobre a criação e a história da cidade fictícia de Antares, e a segunda mostrando um episódio de greve em que os mortos não são enterrados. Qual sua parte favorita? Acha que são como dois livros separados? *

Sua resposta _____

Com qual personagem você mais se identificou? Caso não lembre o nome, pode apenas descrevê-lo: *

Sua resposta _____

Você considera que em certos momentos Incidente em Antares descreve a realidade histórica brasileira? Pode comentar mais sobre isso? *

Sua resposta

Depois de ler o livro, você procurou pesquisar o que era real e o que era ficção? Pesquisou sobre ele ou sobre História? *

Sua resposta

Caso tenha dito que sim na pergunta anterior, qual foi a fonte ou o site que usou para fazer essa pesquisa?


Sua resposta

Já leu outros livros de Érico Veríssimo? Qual/quais? *

Sua resposta

Quer fazer algum comentário ou sugestão com base nas perguntas respondidas?


Sua resposta

[Voltar](#) [Próxima](#)  Página 4 de 5

Você gostaria de receber atualizações sobre esse trabalho de pesquisa e ajudar em eventuais pesquisas futuras? (Opcional)

E-mail para contato:

Sua resposta

[Voltar](#) [Enviar](#)  Página 5 de 5